HISTÓRIAS DE
VISAGENS DE
MARACANÃ
Atena
Editora
Ano 2025
LANA LIMA PEREIRA (ORG.)

HISTÓRIAS DE VISAGENS DE
MARACANÃ

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos

Os manuscritos nacionais foram previamente submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial desta editora, enquanto os manuscritos internacionais foram avaliados por pares externos. Ambos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Histórias de visagens de Maracanã

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Lana Lima Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 Histórias de visagens de Maracanã / Organizadora Lana Lima Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-3269-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.692250503

1. História da Região Norte. I. Pereira, Lana Lima (Organizadora). II. Título.

CDD 981.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' será utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e/ou comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação à obra publicada; 2. Declara que participou ativamente da elaboração da obra, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final da obra para submissão; 3. Certifica que a obra publicada está completamente isenta de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação da obra publicada, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. A editora pode disponibilizar a obra em seu site ou aplicativo, e o autor também pode fazê-lo por seus próprios meios. Este direito se aplica apenas nos casos em que a obra não estiver sendo comercializada por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras. Quando a obra for comercializada, o repasse dos direitos autorais ao autor será de 30% do valor da capa de cada exemplar vendido; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como quaisquer outros dados dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Primeira edição, 2025.

Autoria
Lana Lima Pereira (Org.)
Diagramação
Joseane Flavia da Silva Lopes
Ilustração da Capa
Wallace Gabriel Amoras Modesto
Ilustração dos Contos
Wallace Gabriel Amoras Modesto
Revisão Textual
Fabrício Ferreira
Apoio Financeiro
Secretaria Municipal de Educação de Maracanã

COAUTORES

Adriel Jhemmys Da Silva Lopes
Ailton Monteiro da Silva
Alerrane Clarine Silva Modesto
Ana Samilla Brito de Almeida
Ayram Michell Monteiro de Almeida
Bianca Beatriz de Oliveira Favacho
Bruna Karoline Da Costa Garcia
Carol Monteiro da Silva
Cassia Barros Lisboa
Débora Corrêa Paz
Débora de Sousa Cordeiro
Deyvison da Costa Martins
Eloá Da Silva Martins
Eloiza Conceição dos Santos
Emanuelle Albuquerque Martins
Ewellyn Beatriz Damasceno Galibi
Jamille Vitória dos Santos Silva
José Eduardo Cardoso do Nascimento
Júlia Ossullivan Monteiro Carvalho
Luany Monteiro Maciel
Kaline Iasmin Canço Souza
Karline Emanuele Conceição Dos Santos
Kauanne Beatriz dos S. Vasconcelos
Klara Hermyone Almeida Monteiro
Luis Gustavo Araújo
Magno Araújo de Oliveira
Marcos Paulo Soares Da Costa
Maria Clarice Dias Maia
Maria Eduarda Ferreira Pimentel
Maria Gabrielly Pinheiro Doa Santos
Maria Naylly Dias Siqueira
Nicole Modesto Ferreira
Renan Carlos de Nazaré Silvestre
Stefanny Nayane Carvalho Santos
Stefhanny Vitória dos Santos
Stéfhany Nicolle Da Silva Miranda
Walber Arthur Alcantara Castelo
Wallace Gabriel Amoras Modesto

Dedicamos este livro a todos/as os/as estudantes do município de Maracanã-PA, em especial, àqueles/as que passaram ou que ainda hoje se encontram na E.M.E.F. Francisco Nunes, com o intuito de compartilhar um pouco do conhecimento produzido em sala de aula.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

O ponto de partida deste trabalho não é ingênuo, está ancorado em conceitos de referenciais importantes no campo da linguística e da literatura, como pilares que sustentam a ideia-força de uma literatura embasada no cotidiano de sujeitos simples e marginais (no sentido de estarem à margem), mas produtores das suas próprias histórias e construtores de um legado que deve abranger a circulação, recepção e consulta deste material para fins diversos.

Este livro é resultado de um trabalho de letramento escolar significativo para os sujeitos envolvidos. Baseamo-nos em Walter Mignolo, ao afirmar que o signo linguístico não deve ser dicotômico (oposto) e sim deve orientar para uma possibilidade da multissemiose (inclui textos verbais e não verbais) enquanto unidade de significação, em que a diversidade dessas formas semióticas compreende o fazer literário como uma prática discursiva que ultrapassa a concepção de “belas letras”, que convencionalmente desconsidera as expressões que fogem da linguagem escrita como redentora e privilegiada como centralidade.

Essa visão, portanto, entende que produzir literatura inclui também expressões que partem da oralidade (que integram uma diversidade de formas e variantes linguísticas), até acontecimentos multissemióticos (que englobam linguagens visuais, auditivas, corporais), ou seja, a significação sendo o privilégio do que é linguístico e do que seja a natureza do literário. Os textos aqui coletados, portanto, são expressões de uma oralidade, de um tempo, de conto e reconto de maneira dispersa e assistemática.

Não descartei, porém, o papel da escrita neste trabalho, pelo contrário, ampliei a compreensão do fazer literário na escola para desenvolvermos um trabalho que tivesse este produto, um registro que pudesse servir de fruição, de consulta, de pesquisa, de legado cultural de histórias que estão em risco de extinção e apagamento. Sobretudo, para criação de memória que essas histórias carregam como constituidoras da cidade de Maracanã-PA.

Retomar a importância de contar histórias orais, de geração em geração, além de utilizar espaços públicos e a própria varanda da frente das casas, foi um dos objetivos deste empreendimento em sala de aula. Em tempos de cultura digital, de globalização/colonização travestida de modernidade, resgatar costumes e práticas de linguagens oralizantes é resistir a esse modelo alienante de sociedade, é reexistir a um movimento avassalador, que fragmenta sujeitos e aniquila processos cognitivos de pensamento crítico e reflexivo (como mostra uma pesquisa recente sobre as consequências do *brain rot*[1]). Valorizar, portanto, antigas e novas formas de narrar e de produzir saberes tornou-se possibilidade e realidade importante para esses jovens estudantes.

Discutir sobre o território de Maracanã, como lugar histórico e rico em narrativas que expressam saberes locais, passou a ser a prioridade em dado momento deste trabalho. Recolher essas histórias ficou a cargo de cada estudante, previamente orientado por mim como tarefa escolar. E depois, ele ganhou etapas diversas em sequências didáticas planejadas como forma de transpor esse conhecimento sobre cultura, linguagem e literatura para alunos de ensino fundamental.

Como forma de esclarecer os passos importantes que culminaram na produção escrita deste livro, foi proposto aos alunos uma sequência constituída por uma proposta didática aplicada em sala de aula que representou uma das etapas do projeto de intervenção da pesquisa do Programa de Mestrado Profissional em Letras, realizado na Universidade Federal do Pará. Desse modo, as etapas foram: 1) elegi o livro "Histórias de Visagens e Assombrações de Belém", de Walcyr Monteiro como inspiração para leitura em sala de aula; 2) trabalhei essas histórias segundo a perspectiva linguística e composicional do gênero conto, mas compreendendo o hibridismo entre os subgêneros que incluem o popular, o fantástico e o terror (e a fluidez envolvida nas histórias trabalhadas); 3) propus que eles coletassem uma história de visagem com algum conhecido, com a condição que fosse uma história de visagem no território maracanaense; 4) eles escreveram a história; 5) reescreveram e reorganizaram o texto; 6) organizei momentos de troca de contação oral e culminância dessas histórias por meio de leitura coletiva e encenação envolvendo diferentes turmas da escola.

[1] Brain rot é uma expressão inglesa que significa, em sua literalidade, cérebro podre, sendo um comportamento muito presente, fruto da cultura digital e da hiperconexão, em especial entre os jovens. Segue uma notícia sobre essa discussão: https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/rita-wu/tecnologia/brainrot-voce-tem-isso-conheca-esse-efeito-colateral-da-vida-digital/ Acesso em: jan 2025.

Quero resgatar a fala de Christian Dunker, no documentário “Eu + 1: uma jornada de saúde mental na Amazônia”, em que ele afirma que “precisamos saber contar as nossas histórias” e também trazer o enunciado de Ailton Krenak quando ele diz que a Amazônia não é um símbolo, mas sim um território, para o leitor compreender que o que estou agrupando neste livro são histórias que misturam realidade e ficção, e que traduzem um fazer literário através de experiências de sujeitos amazônidas, que vivenciam a floresta em seus saberes culturais, sociais, religiosos, mítico e sensíveis, e que suas vidas estão entrelaçadas com aquilo que Andréa Cozzi denominou de econarrativas. Portanto, são contadores de histórias do seu próprio território.

Importante ressaltar que em algumas histórias se privilegiou a variante regional e coloquial na escrita como forma de manter essa linguagem que é própria da oralidade e da variedade linguística desse lugar. Essa é uma atitude consequente e intencional, considerando que parto de uma concepção dialógica da linguagem que a compreende como dinâmica, viva e variável, dependente das relações de interlocução e de condições em que foram enunciadas. Por isso, trazer a linguagem que é dita e como é dita pelos sujeitos, é relevante para a construção deste trabalho como um projeto de letramento que pretende se libertar de amarras linguísticas e literárias.

Assim, Histórias de Visagens de Maracanã são narrativas que retratam o território desse lugar que pertence a parte de uma Amazônia. Retratou-se os bairros da cidade-sede, parte da zona rural que compõe as vilas da estrada e das ilhas. Mas, sobretudo, que apresenta um modo de vida que se conecta com a natureza e a respeita em toda a sua plenitude. Não tivemos a pretensão, vale o destaque, de esgotar as histórias que são contadas boca a boca e que oferecem substância às relações entre os citadinos e que as constituem como modo de ser e de viver, pelo contrário, há tantas outras histórias que são contadas, mas não serão apresentadas aqui. Temos consciência, ainda, de que por se tratar de experiências reais e individuais que acontecem com os sujeitos, podemos dizer que experenciar uma aparição de visagem, e o consequente ato de contar e recontar essa história, apresenta-se em permanente repetição e ocorrências. Portanto, esses fenômenos são fontes de infinitas histórias que compõe a conhecida literatura de escrevivência, elaborada pela renomada Conceição Evaristo, e de relato, com Carolina de Jesus, que se manifestam por meio de práticas discursivas.

Esse é o valor maior da existência deste livro, referenciar os que aqui habitam e tornam a Amazônia um lugar de saberes e encantarias, que respeita a existência dos residentes locais, e que, ainda, apresenta lições relevantes e significativas sobre as relações entre humanos e humanos e a natureza, como podemos encontrar nas histórias de “O Homem Castigado pela Princesa de Algodoal”, sobre um rapaz que brincou com desdém da Princesa de Algodoal; também em “A Pisadeira”, que mostrou a importância de ter limites no ato de se alimentar, entre outras que o/a leitor/a poderá desfrutar, ficar intrigado/a e refletir com essas histórias.

E como forma de mostrar a dimensão e a importância que este trabalho tem para mim, tornando esta obra um legado, quero agradecer, primeiramente, a todos os alunos das turmas do 8º B, 8º C e 8º D do ano de 2024, os quais estiveram sob minha responsabilidade na disciplina de Língua Portuguesa, e que seguiram empenhados em cada momento proposto, e ficaram, assim como eu, empolgados com o fato de que suas histórias pudessem ganhar este registro. Também estendo minha gratidão a todos os colaboradores que contaram essas histórias a esses meninos e meninas em formação, com certeza alguma coisa ficará guardada.

Agradeço a parceria do Wallace, hoje ex-aluno da escola, um exímio artista que a Escola Francisco Nunes e o município de Maracanã tem a honra de contar por produzir uma capa que ficou a cara deste projeto e que me agradou imensamente. Ele, ilustrador brilhante, merece meus agradecimentos e reconhecimento por dispor de seu precioso tempo para compor as ilustrações deste livro, seu trabalho fez um diferencial e com certeza contribuirá enormemente para atrair mais leitores, bem como fixá-los ainda mais à leitura.

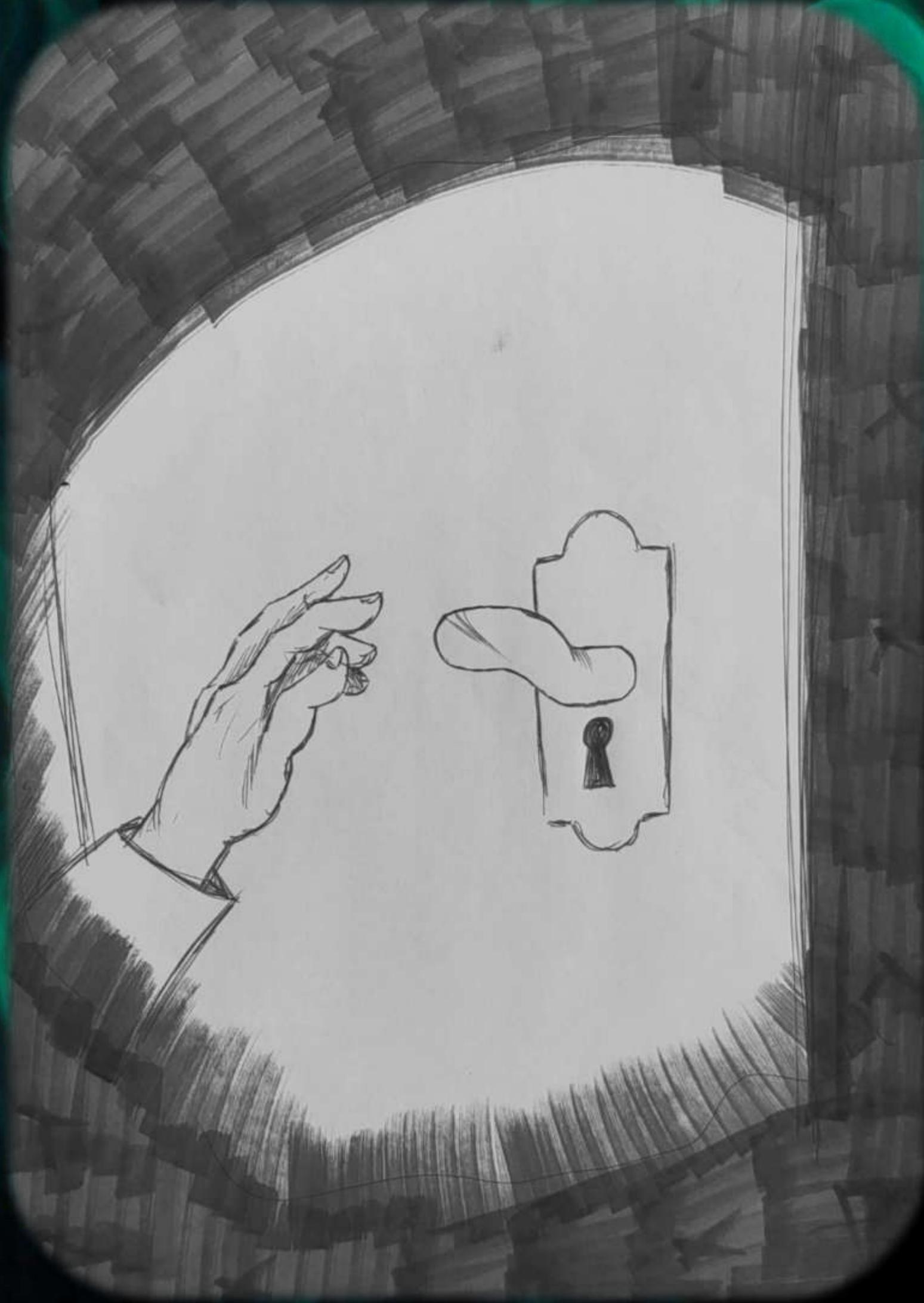
Aproveito para agradecer a Adriana Costa, grande funcionária da escola, por ter sido protagonista ao contar uma história aos alunos no momento do Chá Literário, culminância do projeto. E, posteriormente, por contar a história para que eu pudesse escrever e deixá-la como memória neste livro. Obrigada também pela autorização da publicação da sua imagem.

Agradeço às diretoras da escola, Doralice Carrera e Joana D'arc, por sempre apoiarem as iniciativas que desenvolvo com os alunos, incluindo a produção e publicação deste livro. Quero agradecer também a ajuda de custo que a Secretaria Municipal de Educação de Maracanã forneceu. Esta foi essencial para que a publicação digital desta obra fosse garantida. Agradeço, por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para que este livro pudesse sair das ideias e se tornar concreto.

Passados os agradecimentos, quero dizer que falar dessas histórias como narrativas amazônicas é uma possibilidade literária que inspira diversas poéticas de nossas existências e ainda retrata nosso modo de vida verdadeiramente sustentável diante da crise climática e da relação predatória que temos desenvolvido com a natureza. Por fim, desejo a todos/as os/as leitores/as uma excelente leitura! Não hesitem em voltar ao livro quantas vezes forem necessárias para uma leitura atenta, mas também como campo de pesquisa e consulta posteriores. Só cuidado com as visagens que agora tu vais conhecer não te assombrarem também!

Boa leitura!

Prof.ª Lana Lima Pereira

VISAGENS NAS ESCOLAS

Aparição na Escola Francisco Nunes

(Recontado por Lana Lima Pereira – professora regente das turmas)

A história que será relatada aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro do Jurunas, onde está localizada atualmente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Nunes. O ano dessa aparição foi em 2022. Ela foi contada por Adriana Costa, que é funcionária da escola até o presente momento e que vivenciou o fato.

Estávamos no período das festas natalinas, a direção da escola marcou uma pequena reunião, uma pequena confraternização com todos os funcionários. Então estávamos presentes, professores, diretora e outros funcionários. Era por volta das 19h30, eu e minha colega estávamos sentadas no corredor. À noite, algo surreal, uma coisa no fundo do corredor, na última sala. Não deu para descrever o que era, mas aquilo olhava e saía da escola. Olhava para mim e se escondia.

Foi um fato tão evidente que senti como se tivesse me chamando, foi me chamando como se fosse uma força, assim, que era para eu ir lá. Foi então perguntei para a minha outra colega de trabalho se ela tinha visto, ela disse que não, que não estava vendo nada. Foi então quando eu decidi ir ver o que era aquilo.

Durante minha caminhada até lá, aquilo continuou a me chamar. E quando eu e minha colega fomos chegando perto da sala, a porta estava fechada, mas resolvi empurrar a porta para ver o que tinha dentro. No entanto, algo lá de dentro, como se estivesse atrás da porta, por dentro da sala, empurrava de volta trancando a porta. Eu e minha colega continuamos empurrando a porta, mas algo do outro lado insistia em empurrar na direção contrária, trancando a porta. Ficamos nesse movimento pendular, somando forças contrárias por um tempo, até conseguimos abrir a porta, porém, para a nossa surpresa e extremo espanto, nada vimos, não havia ninguém por detrás daquela porta, na sala de aula.

Depois que voltei junto aos meus colegas, perguntaram o que havia acontecido, mas eu não soube dizer o que era. Só consegui ver uma silhueta, e quando cheguei lá na sala de aula, porém, a porta estava fechada. Apesar disso, teve testemunhas da luta que aconteceu na tentativa de abrir aquela porta. Foi necessário aplicar uma força imensa, eu e minha colega, tentando abrir juntas essa porta, para que ela pudesse de fato abrir.

Nessa hora não tinha mais ninguém na escola, já que estávamos numa miniconfraternização, depois do evento costumeiro “O Acender das Luzes”, organizado pela Secretaria de Educação, só estavam alguns funcionários no pavilhão principal da escola. No corredor não tinha ninguém, era noite. Porém, esse evento me marcou profundamente, pois foi uma experiência tão real, que até hoje sinto como se essa coisa que estava por trás daquela porta queria me chamar, aparentemente, para eu ver alguma coisa naquela sala de aula.

Outra aparição, relatada e registrada por meio de fotografia também por Adriana Costa, foi uma imagem sobrenatural que apareceu durante ela estar na escola.

Ela conta que vivenciou na Escola, no ano passado (2023), no turno da manhã. Ao chegar no seu trabalho, como de costume, bem cedo, ela gostava de ir logo abrindo as salas, ligando as luzes e os ares-condicionados. De repente, ela teve vontade de bater uma foto, uma *selfie* como várias pessoas costumam fazer, como forma de registrar os momentos do seu dia.

Era início do ano, estava no período de inverno amazônico, nesse dia estava chovendo, estava um pouco escuro no corredor. Foi nesse cenário que ela tirou uma *selfie* despretensiosa, como atitude corriqueira que só depois apareceu algo misterioso na imagem.

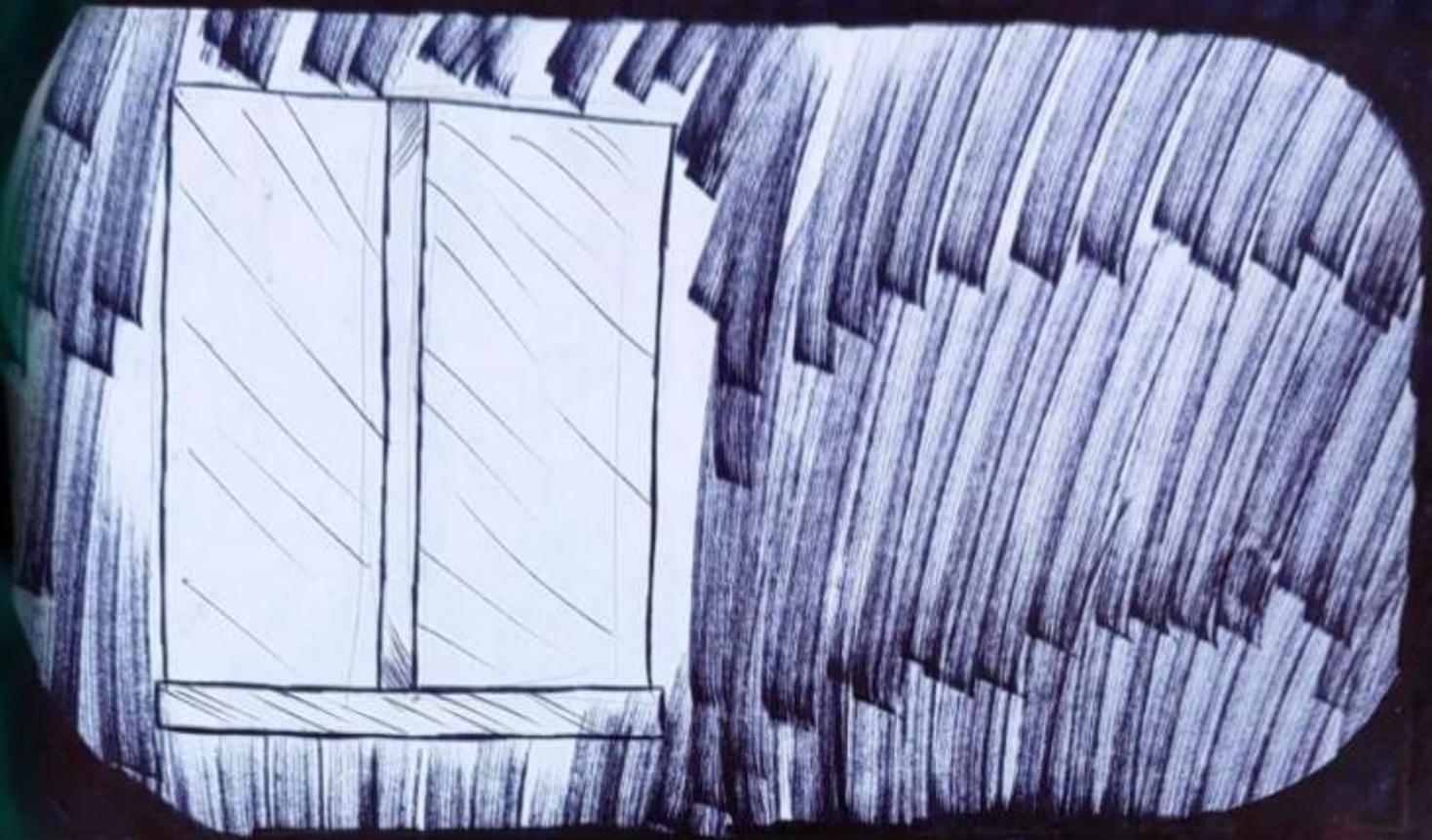
A foto se encontra abaixo desta história, foi autorizada pela interlocutora para ser publicada. E como se pode perceber ela apresenta a Adriana à frente, e atrás, um formato de um anjo de braços abertos, todo iluminado.

A funcionária acrescenta que não sabe explicar o que é, mas acredita que tem a ver com a sua crença e fé. É como se essa aparição que ela vivenciou com esses episódios contados, fosse uma espécie de anjo protetor. Ela acredita que sente a presença de algo sobrenatural que a protege em todos os lugares que ela vá. Ela diz, ainda, que crê que essa é uma imagem de luz, que sente que é isso, que talvez seja o anjo.

Ela finaliza dizendo que o que viu foi verdade mesmo. Que a foto não tem montagem, nem filtro e foi algo que ela não esperava que aparecesse. E saiu essa figura angelical, uma figura, segundo ela, de luz.

Somadas as duas cenas de aparições na escola, através do depoimento da funcionária Adriana, de outros funcionários e de alunos que também relataram ter visto vultos passando entre uma sala e outra, no fundo do corredor da escola. Além de outros funcionários contarem que já ouviram cadeiras arrastando em horários que já não havia mais aula e quando poucas pessoas estavam no lugar. Por esse motivo, pela recorrência dos relatos e por acontecer no *locus* de organização deste trabalho, o relato de aparição da Escola Francisco Nunes torna-se para a comunidade escolar e do município, uma escrevivência das histórias de visagens de Maracanã.

Figura 1 – Imagem de Adriana Costa, funcionária que registrou a aparição.

Fonte: Arquivo do celular de Adriana, autorizado para a publicação neste livro.

ESCUTOU ISSO? VEM DA SALA!

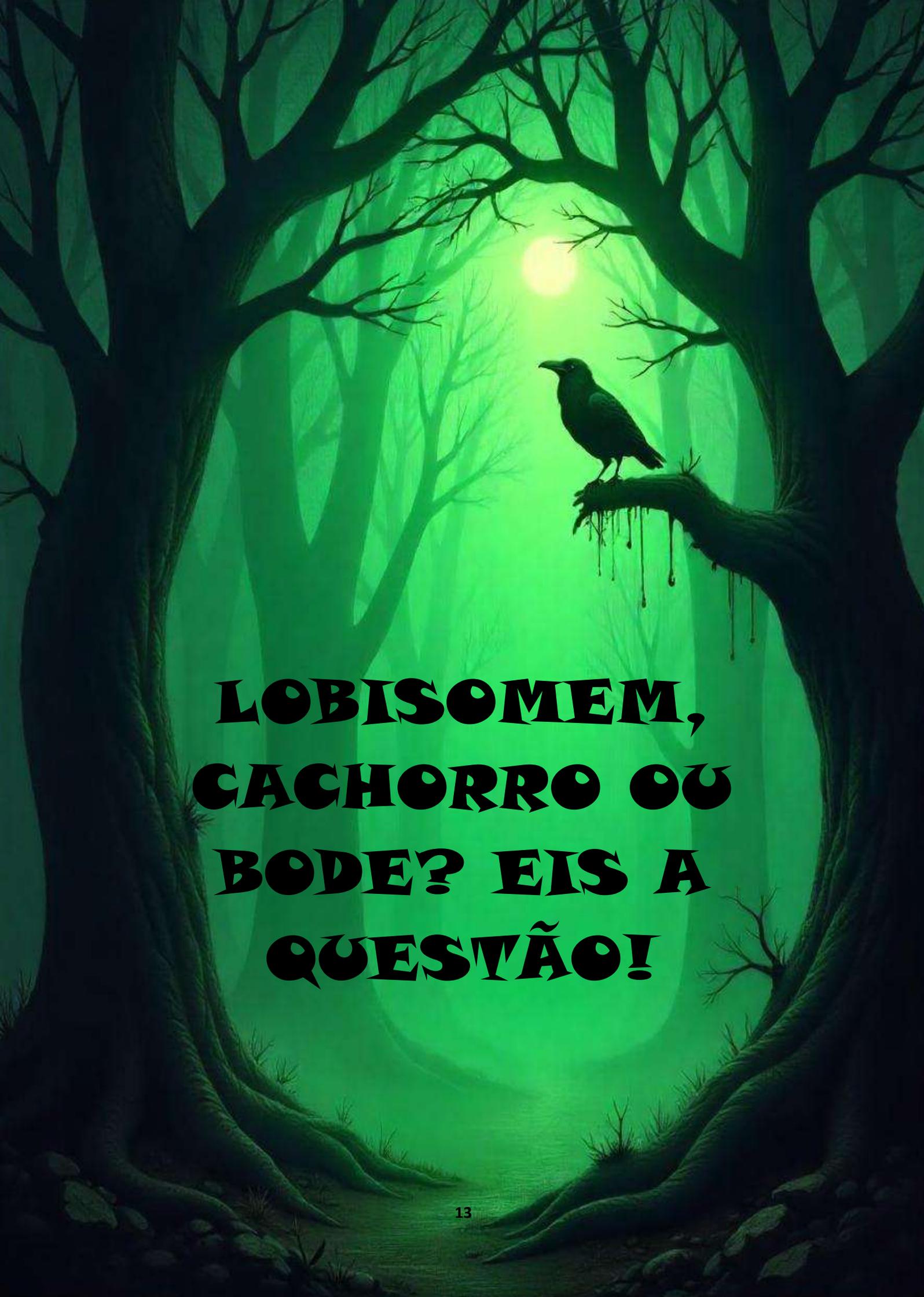
Visagem na Escola Ezequiel Lisboa

(Recontado por Carol Monteiro da Silva)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, na rua Barão do Rio Branco, no ano de 1945. Ela foi contata pela senhora Nazaré, que ouviu falar entre as pessoas da comunidade escolar.

No ano de 1945, havia um vigia da escola que relatou ter ouvido e sentido coisas estranhas durante a noite. Ele contou que, altas horas, escutava cadeiras se movendo, portas se batendo sozinhas e sentia uma presença sinistra.

O vigia ficava assustado e nunca teve coragem de investigar o que realmente estava acontecendo.

Outros moradores da região relatam que, antes da escola ser construída, o local era um cemitério para escravos. Essa lenda sugere que a almas desses escravos ainda permanecem no local, o que causa os estranhos fenômenos relatados pelo vigia.

LOBISOMEM, CACHORRO OU BODE? EIS A QUESTÃO!

O Lobisomem da Casa de Farinha

(Recontado por Luany Monteiro Maciel)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no km 33, no ano de 1980. Ela foi contada por Ingridy P. Monteiro, a qual ouviu de minha avó.

Quase todas as noites, um animal ia brigar com os cachorros de seu Adelino, que dormiam na casa de farinha. Nessa época, nessa região (Km 33) não havia energia elétrica, usavam apenas lamparina.

Certa noite, os cachorros estavam novamente brigando, e seu Adelino resolveu ir ver o que era, à noite bem clara, pois era luar.

Quando seu Adelino chegou próximo à casa de farinha, logo viu que era apenas um cachorro muito pequeno. Ele não tinha rabo e era bem escurinho.

No entanto, apesar de pequeno, o cachorro crescia. Então seu Adelino voltou para a sua casa e chamou os seus filhos:

– Levantem! Vamos até a casa de farinha!

Seus filhos perguntaram:

– Por quê? O que está acontecendo?

Seu Adelino respondeu:

– Os cachorros estão brigando de novo.

Todos os filhos de seu Adelino foram até a casa de farinha.

Quando eles chegaram no local, aquele animal apenas saiu andando.

Os filhos de seu Adelino tentavam pegá-lo, mas nunca conseguiam. Tentavam atingir esse animal com paus, e quando chegavam perto, eles caíam e nunca conseguiam o atingir.

Esse animal ia sempre andando na frente de seu Adelino e seus filhos. Ele ficava grande, em seguida ficava pequeno; então seu Adelino viu que não era normal e resolveu não o perseguir, pois se tratava de um lobisomem.

Como eles usavam armas para caçar, tentaram atingir o lobisomem com um tiro. No cartucho da espingarda colocaram cera-benta e conseguiram pegar o lobisomem.

Então eles pegaram e bateram no lobisomem com Pião-Roxo, até que a criatura não conseguiu mais se levantar.

Ao mesmo tempo que eles batiam no lobisomem, um dos filhos de seu Adelino chegou contando que um homem que morava próximo a eles estava do mesmo jeito de lobisomem. Assim como o lobisomem ficou, o homem também ficou.

Eles não conseguiram matar o lobisomem, então seu Adelino resolveu enterrá-lo ainda vivo.

No dia seguinte, esse senhor que morava próximo a seu Adelino, veio a falecer. Seu corpo estava todo negro, igual ao do lobisomem; e desde então os cachorros que moravam, ou melhor, dormiam na casa de farinha, nunca mais brigaram.

O Homem Mau

(Recontado por Ewellyn Beatriz Damasceno Galibi)

Esta história ocorreu no interior de Maracanã, no ano de 2007, com uma mulher Chamada Tereza. Ela conta seu relato sobre a aparição de um Lobisomem.

Num certo dia, a família de Tereza resolveu passar as férias no interior, que era o lugar em que mais gostavam de tirar férias. O pai de Tereza falou para ela não sair à noite, pois na cidade havia um homem mau, que não falava com ninguém, e algumas vezes ele saia à noite para fazer algumas coisas bem estranhas na floresta.

Numa noite de luar, Tereza brigou com os seus pais e saiu, já era noite. Passou 20h, 21h, e Tereza não voltou para casa. Seu pai então foi atrás de Tereza com sua espingarda, gritando pela cidade, desesperado:

– Tereza, Tereza!

Em um momento específico, Tereza escutou seu pai, mas, não quis ir com ele. De repente, escutou algo correndo em sua direção. Atordoada, na mesma hora se arrependeu e saiu correndo na direção do seu pai.

O pai de Tereza viu que era um Lobisomem correndo na direção da filha. Na mesma hora, atirou com sua espingarda, mas não sabia se tinha acertado o bicho.

Passou-se uma semana e o homem mau tinha morrido com um buraco na barriga, cheio de bicho. Foi quando Tereza e sua família voltaram para a sua cidade natal.

Em outra temporada de férias, quando eles voltaram novamente para o interior, à noite, eles escutaram latido de cachorro correndo no quintal.

Até hoje não se sabe se era um cachorro normal ou o espírito do homem mau.

A Casa de Farinha Mal-Assombrada

(Recontado por Karline Emanuele Conceição Dos Santos)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, na estrada do 40, no ano de 2019. Ela foi contada por Bachola, que a vivenciou.

Um certo dia, o Bachola resolveu caçar tatu, num lugar chamado mato-do-caju.

Nesse mato tinha uma casa de farinha que era do seu Patuca, onde o Bachola ficava no dia que ia caçar. Por volta de 1h da manhã, ele saiu atrás do tatu junto com seus cachorros. Então começou a cavar. Cavava, cavava e nada de encontrar o tatu. De repente escutou um barulho que vinha da casa de farinha, como se fosse forma torrando farinha, cortando lenha, criança chorando, pai e mãe brigando. Com aquele barulho, ele ficou com medo e arrepiado.

Depois de cavar, cavar, deu vontade de beber água e foi diretamente a uma cacimba que ficava próxima à casa de farinha. Chegando lá, os seus cachorros começaram a latir: latiam como se estivessem vendo alguma assombração. O Bachola ficou com muito medo e desistiu da caça.

No dia seguinte ele retornou à caça, indo à procura do tatu novamente. Durante a caça, avistou um estranho na mata. Esse ser tava bem distante e o Bachola foi se aproximando do estranho, e quando chegou perto, a criatura sumiu. O Bachola ficou sem entender, mas continuou a caça.

Ele conseguiu pegar e matar o tatu, depois chegou em sua casa e sua mãe tava lá. Ela contou a ele a história da casa de farinha, em que morou uma família há muitos anos, e quem ia lá escutava barulhos estranhos. Depois que ele ouviu a história, ficou com medo de ir lá novamente, resolvendo nunca mais caçar.

O Pescador

(Recontado por Maria Clarice Dias Maia)

Esta história aconteceu na Cidade de Maracanã, no bairro do São Miguel, no ano de 1980. Ela foi contada por Luzia Barros, a qual foi contada pelo seu pai.

Certo dia, um pescador saiu para pescar, ele saiu de sua casa por volta das 22h para voltar 1h da manhã. Quando ele chegou da pesca, percebeu que tinha um cachorro em frente a sua casa, quanto mais ele se aproximava, o cachorro aumentara, até que ele ficou do tamanho de uma pessoa, parecendo o formato de um bode.

O pescador, assustado, tentou bater no bicho; quando tentou tocar nele, o animal sumiu.

Passaram-se dois dias, tinha um moço chamado Fogueteiro, conhecido por "virar bicho". O pescador passou em frente à casa desse homem com habilidades específicas. Até que ele disse:

– Ah, tu tem medo, é?

O pescador, assustado, respondeu:

– Eu não, eu ia te acertar!

Naquele momento ele percebeu que o Fogueteiro ia se transformar em bicho! Com medo, nunca mais foi atrás daquele misterioso homem. E assim, nunca mais viu o Fogueteiro.

O Bode

(Recontado por Nicole Modesto Ferreira)

O ano era 1999 na cidade de Maracanã, e um tal de Alfredo todas as noites ia assistir TV na casa de uma parente chamada Celeste.

Em uma certa noite, por volta da meia-noite, o Alfredo, voltando da casa da Celeste, andava pela rua tranquilamente, quando de repente começou a sentir como se estivesse sendo seguido por alguém ou algo. Ele tentou ignorar, mas a sensação permanecia.

Depois de um tempo andando, ele sentiu como se algo estivesse atrás dele, mas não viu nada; porém, quando ele olhou para frente, avistou um ser sobrenatural. Era parecido com a figura de um bode.

No momento, Alfredo ficou anestesiado, trêmulo e com cabelos arrepiados. Ele não conseguia sequer sair de lugar, paralisado de medo. Ficou assim por quase 10 minutos; foi quando voltou a si, logo começou a recitar uma oração, era o Salmo 91.

A criatura foi embora ao ouvi-lo recitar a oração. Entrou na casa de um homem, que era conhecido como seu Carlos.

Quando o bode entrou na casa, Alfredo ouviu gritos, um grito alto como se estivessem sentindo a dor mais insuportável. Era o bode se transformando de volta à forma humana.

A partir daquele dia, Alfredo nunca mais andou por aquela rua tão tarde da noite.

Bode do Pé de Mangueira

(Recontado por Ailton Monteiro da Silva)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro da Liberdade, no ano de 2013. Ela foi contada por Raimundo Barnes, que presenciou a aparição.

Em um certo dia, um morador chamado Raimundo viu uma coisa assustadora debaixo de um pé de mangueira. Ele vinha tarde da noite, em uma rua bem escura, essa rua passava debaixo da mangueira. Quando passou debaixo daquela árvore, sentiu calafrios e uma coisa estranha, parecia que ele estava sendo vigiado por alguma coisa.

E indo mais à frente, deparou-se com um animal estranho, uma mistura de bode com morcego. Ele parou, assustado, sem se mexer e sem fazer nenhum barulho, ficou imaginando o que seria aquilo. Quando ele deu um passo, o animal estranho olhou para ele, e ele correu.

O animal estranho correu atrás dele. A criatura fazia um barulho estranho, que parecia ser uma pessoa. Ela, a criatura, parou e Raimundo conseguiu escapar. Ele contou no dia seguinte para as pessoas o que teria acontecido, mas ninguém acreditou nele, então ele convidou as pessoas para ir com ele à noite nesse pé de mangueira.

As pessoas, zombando dele, falavam que iam ver "essa tal criatura". Elas foram, quando chegaram, estava lá a criatura estranha. As pessoas ficaram sem acreditar no que estavam vendo diante delas. O animal começou a fazer um barulho estranho e as pessoas correram em direção à casa de um morador da vizinhança, bateram na porta, mas ninguém abriu.

As pessoas, logo, correram para a casa do Raimundo, elas ficaram muito assustadas com aquilo que tinham visto. No dia seguinte, as pessoas jogaram água benta em baixo dessa mangueira.

Depois de uns dias, a criatura estranha, mistura de um bode com morcego, desapareceu e nunca mais assombrou ninguém.

E até hoje o Raimundo conta essa história, algumas pessoas acreditam e algumas dizem que é coisa da cabeça dele, ficando esse mistério no ar.

O Misterioso Bode

(Recontado por José Eduardo Cardoso do Nascimento)

Aconteceu, no interior de Maracanã-PA, no ano de 1996, uma história sobre um bode misterioso. Ela foi contada por Gilmar Aguiar, que vivenciou a aparição.

Uma vez eu fui, à noite, deixar uma pessoa lá na casa dela, lá dentro, pra banda do interior. Quando no meio da estrada, vi aquele Bode, logo eu disse:

– Agora eu vou apanhar desse Bode!

E fui me aproximando, mas não fiquei com medo, não, fui embora. Aquele bode viu que eu ia encarar ele e recuou.

E mesmo assim ele foi andando paro dentro do mato, e eu fui embora. Então eu passei a sentir só aquela catinga do Bicho Velho. Cheguei em casa quase desmaiando.

No dia seguinte, passei por essa mesma estrada, quando, de repente, eu vejo uma cova. Nesse dia, estava eu e meu pai. Quando nós chegamos perto da cova, tinha uns ossos de animal por perto. Já era noite, nós estávamos vindo do mangal e de repente passou o bode na nossa frente, entrou no mato e sumiu. E nós fomos embora.

Contamos a situação para os nossos familiares, eles começaram a se perguntar “será que é uma visagem?” Mas, mesmo assim, eles ficaram com muito medo e acabaram decidindo não passar mais por lá.

O Velho Chico Preto

(Recontado por Wallace Gabriel Amoras Modesto)

Esta história que vou lhe contar agora aconteceu na cidade de Maracanã-PA, por volta de 1997; meu avô, Seu Nilson, que me contou. Ocorreu mais precisamente no bairro da Campina.

Naquela época, meu avô trabalhava como marreteiro no mercado de peixes da cidade. Enquanto isso, minha avó Célia catava caranguejo na cozinha de nossa casa. A residência era quase a última da rua, o fundo do quintal dava acesso ao mangue, de onde se tira caranguejo. Vovó sempre jogava as cascas do caranguejo bem lá perto do mangue, longe de casa, mas dava de se ver lá da cozinha de casa.

Aconteceu em um sábado, assim diz a vovó, por volta de 19h45 da noite, quando meu avô chegou do mercado, meio bêbado. Ele tinha uma habilidade: se saia muito bem com jogos de faca, de atirar. Havia aprendido com um amigo de circo.

Quando meu avô chegou, foi jantar na cozinha, e minha avó estava colocando a comida pra ele, quando, de repente, começaram a ouvir um ruído forte para o fundo do quintal, como se fosse um bicho grande comendo as cascas do caranguejo, arrastando as cascas no chão, igual galinha quando marisca pelo chão. Quando ele ouviu isso, disse:

– Célia, entra pra dentro, pega o meu terçado e fecha a porta!

Então minha vó assim o fez. Meu avô, já com o terçado em mãos, correu em direção ao ruído do animal misterioso, e o animal correu em direção à rua do bairro. Quando o bicho apareceu na rua, com a claridade da lua, o meu avô pôde contemplar aquele animal grande, negro, era um bode de olhos bem vermelhos.

Meu avô disse que era o bode dos livros de magia negra, ele estava com uma faca que usava em sua cintura e seu terçado. Tirou sua faca e jogou em direção ao monstro; acertou bem na coxa direita. Desse modo, o bicho foi correndo em direção ao tiriqueda (uma escada que dá acesso ao rio que fica em frente à cidade), perto de um casarão antigo que fica próximo onde hoje é a Câmara Municipal de Maracanã.

Meu avô, cansado, resolveu não descer atrás da criatura, voltou para casa. Embaixo daquele tiriqueda, morava um senhor muito solitário e estranho. Ele era conhecido como Chico Preto, pois ele era um senhor negro e também era curandeiro na época. Meu avô nem havia lembrado desse senhor.

Na manhã seguinte, meu avô, indo a caminho do serviço, viu uma aglomeração de pessoas próximo ao tiriqueda, parou e perguntou pra uma pessoa o que havia acontecido. Meu avô, pensado alto, "Será que acharam o bicho?" Um homem que estava no local disse para meu avô:

– Foi seu Chico Preto que amanheceu morto!

Logo meu avô se lembrou do velho e resolveu descer para olhar. Nisso, meu tio, que naquela época era moleque, foi escondido também foi ver o acontecido, quando se deparou com meu avô. Os dois desceram para ver o que era aquela confusão de gente. Eles disseram que o velho estava jogado em frente às suas imagens de Santos e de Exu, todo negro, com pelos no corpo, metade gente, metade bicho e um ferimento em sua coxa.

O velho aparentava ter 67 anos de idade. Desde lá, alguns moradores do bairro ainda lembram e relatam a história do velho que virava bicho.

UM CARRINHO DE MÃO QUE ASSOMBRA MORADORES

O Som Misterioso das Quintas-feiras

(Recontado por Débora de Sousa Cordeiro)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã no km 38. Não temos informações do ano em que ocorreu. Ela foi contada por Raimunda Corrêa, que vivenciou o episódio.

Hoje tenho 72 anos, mas naquela época eu tinha em torno de 11 ou 12 anos, morava no km 38, no interior de Maracanã, não tinha emergia nos postes, então às 18h as ruas ficavam bem escuras.

Eram exatamente 23 horas, e eu estava ajudando minha mãe a colocar minhas irmãs para dormirem, quando de repente, escutei um barulho estranho, achei esquisito, pois já era bem tarde da noite.

O barulho ficou mais alto, era como se fosse um carro de mão bem velhinho carregando algo bem pesado, e eu como qualquer criança curiosa, tentei abrir a janela para espiar o que estava acontecendo.

Quando fui em direção à janela para abri-la, minha mãe me repreendeu dizendo:

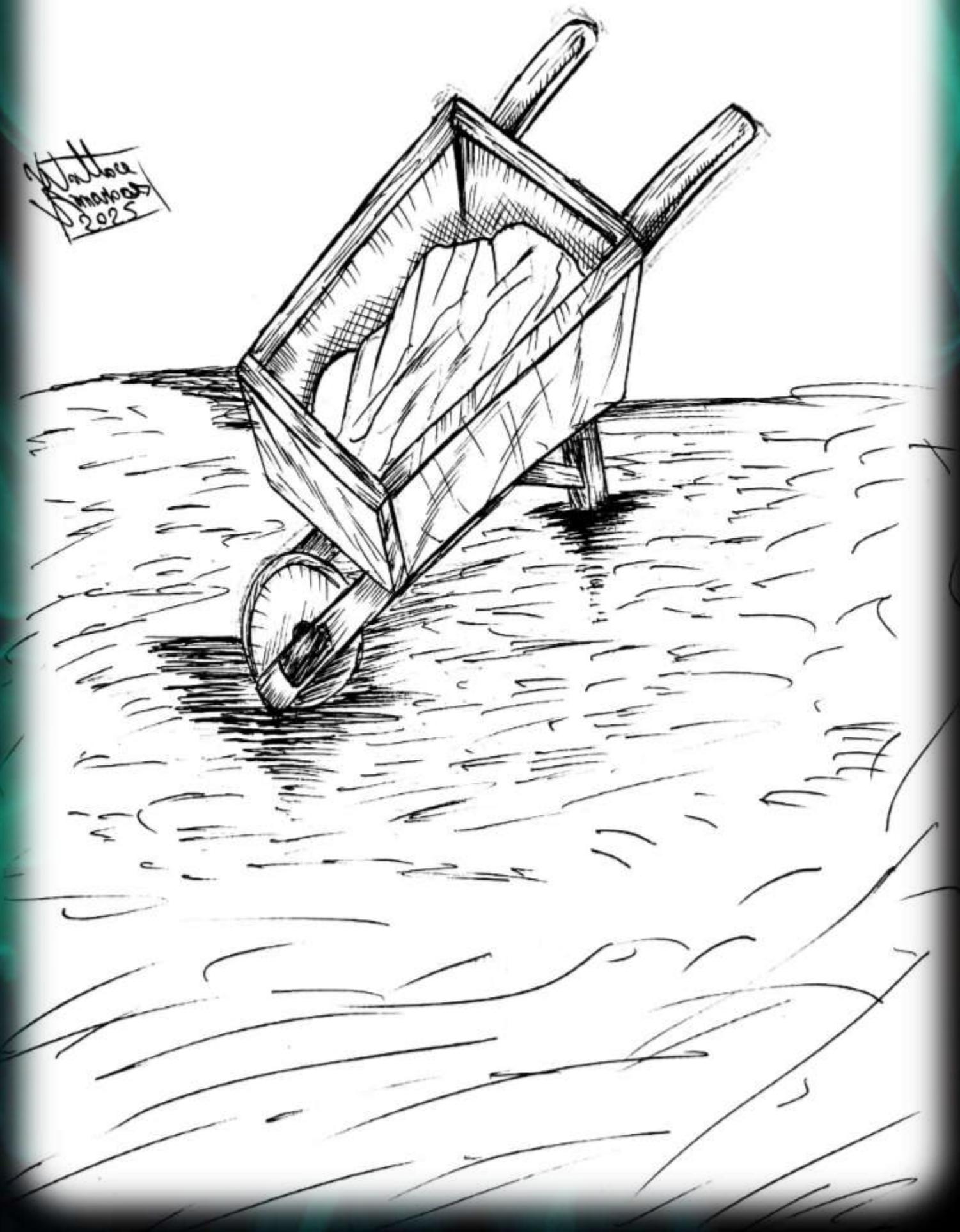
– Menina, pare de ser curiosa e venha aqui!

Fui correndo até ela, e perguntei se era também estava curiosa com aquele barulho, então ela começou a me contar uma história sobre aquele barulho misterioso.

Ela começou dizendo que algum tempo atrás existam dois amigos que bebiam muito todas as quintas-feiras, e em uma dessas quintas, houve uma briga entre eles, e um acabou matando o outro.

Disse ela que o assassino colocou o cadáver dentro de um carro de mão e jogou próximo a um rio que havia perto da estrada, algum tempo depois, o assassino acabou morrendo também.

Fiquei paralisada, pois eu nunca tinha ouvido algo tão surreal em toda a minha vida. Desde então eu ouvia todas as quintas-feiras aquele barulho misterioso.

Muitos dizem que o assassino morreu de loucura, pois ele dizia que via seu amigo o convidando para beber todas as quintas.

O Carrinho de Mão

(Recontado por Maria Clarice Dias Maia)

No ano de 1988, na cidade de Maracanã, na cidade de Maracanã, no bairro do Bocal, esta história aconteceu. Ela foi contada pelo Ana Karolyne dos Santos Modesto, que ouviu falar pela vizinhança.

Na Rua Anésio Dias, no Bairro do Bocal, morava um casal, o marido era alcoólatra e a mulher estava grávida.

Quando a mulher estava gravida de oito meses, seu marido chegou, mais uma vez, muito bêbado. Nesse dia ele começou a ficar muito mais agressivo que o normal. Ele bateu muito nela a ponto de matar ela e a criança, com muitas facadas na barriga dela.

No dia seguinte, ele viu o que tinha feito e se arrependeu muito. Porém já era tarde demais para seu arrependimento. Ele passou a ser bastante atormentado pela falecida esposa, fazendo com que ele cometesse suicídio.

Como o homem trabalhava levando as coisas para os lugares no carro de mão, depois que ele faleceu, as pessoas começaram a ouvir barulho de carrinho de mão nas ruas, muitas pessoas até passaram a enxergar ele empurrando o carrinho de mão com a esposa e o bebê.

Dizem que isso é uma penitência por ele ter matado a esposa e o filho.

A Jovem Moça

(Recontado por Maria Clarice Dias Maia)

A história aconteceu no bairro Vila Nova, no ano 1994, na cidade de Maracanã. Ela foi contada por Bruna Fernanda Monteiro, que vivenciou a situação.

No ano de 1994, havia uma moça que sempre passava às 23h, na Rua Algodoal. Todos os dias, ela fazia o percurso até a feira. Quando foi um certo dia, a moça passou nesse mesmo horário, e de longe avistou uma mulher com um vestido branco, empurrando um carro de mão. A moça se aproximou e viu que algo estava errado, o carrinho estava com manchas vermelhas.

No outro dia, a moça viu novamente a mesma mulher com a bendito carrinho, mas dessa vez, o vestido dela também estava com manchas vermelhas.

A moça ficou assustada e resolveu chamar a mulher. Quando a moça fechou e abriu os olhos, viu que a mulher estava com um bebê morto dentro do carrinho. Novamente, ao fechar e abrir os olhos, a moça percebeu que a mulher havia desaparecido.

Os dias se passaram e, todas as noites, às 23h, a moça escuta o barulho do carro de mão e o arrastado da sandália no asfalto.

Atualmente essa moça não aparece mais.

ANDARILHA E SEU BEBÊ

A Menina com o Bebê na Boca

(Recontado por Maria Naylly Dias Siqueira)

No ano de 1930, na cidade de Maracanã, no Rio da Matinha, aconteceu uma história sobre uma aparição que é sempre vista por moradores da cidade. Foi contada por minha mãe Andrea, que também é funcionária da Escola Francisco Nunes.

Naquele ano, existia uma menina chamada Luiza. Era uma menina muito rebelde, não obedecia a seus pais e vivia em festas. Em uma dessas festas, ela conheceu um garoto, mas ele era traficante e só queria usar a moça.

Até que um dia, Luiza descobriu que estava grávida, a notícia a deixou desesperada, pois ela sabia que seus pais não aceitariam a gravidez, então ela decidir ir morar na casa daquele garoto. No entanto, com o passar dos dias, ela, a pobre garota, foi muito maltratada.

Até que os meses se passaram e finalmente chegou a dia que Luiza daria à luz, porém, a garota não quis ir para o hospital, ela decidiu sair pela madrugada, a pé, foi parar em um igarapé, que era conhecido como Rio da Matinha.

Quando ela chegou lá, a bolsa estourou, então ela pegou uma faca e foi para o córrego do igarapé. Ela começou a ser cortar, e logo teve o seu bebé, porém ele nasceu morto. Devido ao acontecido, ela pegou o bebê e colocou na boca e também morreu.

Hoje em dia, as pessoas dizem que no dia do seu falecimento ela sai daquele rio com o bebê na boca.

A Visagem do Bairro da Liberdade

(Recontado por Débora Corrêa Paz)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro da Liberdade. Ela foi contada por Maria, que vivenciou a aparição.

Havia uma mulher grávida, mas que acabou morrendo junto com o seu bebê na hora do parto. Desde então, começou a aparecer uma visagem de uma mulher assustadora nesse bairro.

Era uma mulher que andava pelas ruas da Liberdade até a rua do rio escuro, com gritos assustadores e de se arrepiar. Certa vez, Maria estava dormindo com sua mãe, quando a mãe dela se acordou com um grito aterrorizante, que a arrepiou da cabeça aos pés.

Era um grito muito assustador, totalmente diferente de um grito que uma pessoa normal daria. Depois de se acordar com aquele barulho todo, a mãe resolveu olhar para ver o que era. Quando abriu a porta, viu uma mulher assustadora, vestida de branco, andando pela rua com um bebé em sua boca.

Muitos moradores desse bairro contam essa história e afirmam já terem visto essa mulher andando pelas ruas com um bebé em sua boca e terem ouvido seu grito aterrorizante.

Ha várias versões sobre essa história, muitos dizem que ela morreu no parto com o bebê e outros dizem que ela matou seu bebê e morreu depois. Não se sabe realmente a causa de suas mortes, mas ainda hoje pessoas afirmam ver essa visagem por esse bairro.

A Mulher de Branco

(Recontado por Eloá Da Silva Martins)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro do São Mateus, no ano de 2021. Ela foi contada por Erica Beatriz que vivenciou a experiência sobrenatural.

Certo dia, na praça de São Miguel, estava andando por lá, quando deu 23h, decidi voltar para casa. Cheguei meia-noite na rua de casa. Antes de chegar em casa, tem um canto muito escuro, lá vi aquela mulher com um neném na boca.

Essa mulher era muito feia e assustadora, ela estava com um vestido branco só sangue, e com esse neném na boca. Fiquei muito nervosa, sai correndo, e ela saiu andando, quando dobrei aquele canto, ela sumiu.

Já tinham me falado que depois de meia-noite, não podia andar na rua, porque essa mulher passava toda noite. Só não imaginava que eu podia encontrar com ela um dia e ver aquela imagem medonha. Depois disso, nunca mais ouvi falar dessa mulher.

VILA DE MOCOOCA PROTEGIDA POR UM ANJO

O Anjinho do Mocooca

(Recontado por Cassia Barros Lisboa)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, na Vila de Quatro Bocas, no ano de 2019, ela foi relatada pela Luzia Barres e quem vivenciou foi o filho de Luzia com sua namorada.

Um dia o rapaz decidiu ir visitar sua namorada. Quando ele chegou até lá, convidou-a para uma festa que aconteceria em Fortalezinha. Ela aceitou o convite, porém a mãe da moça disse para não irem, falou que estava tarde (aquelas falas de toda mãe).

O casal nem deu atenção para o que a mãe tinha falado, seguiram de barco, porém teriam que passar pela ponte de 40 do Mocooca. Quando eles chegaram perto da ponte, avistaram uma pequena coisa branca no chão, como se fosse uma criança acocada que aparentava estar chorando.

O casal acabou decidindo ir tentar ajudá-la, porém, a cada passo que a casal dava, para se aproximar da criança, eles se arrepiavam.

Um pouco distante, ao perceberem que era um anjinho, o rapaz, assustado, começou a rezar e o anjinho continuou ali. A moça se juntou a seu namorado para rezar.

Passou-se um tempo e o anjo foi sumindo, o casal assustado voltou para casa relatando o acontecimento, eles falaram que parecia uma criança caída do céu.

O Aparecimento do Anjo de Fortalezinha

(Recontado por Bruna Karoline Da Costa Garcia)

Esta história aconteceu em junho de 2019, em um passeio no Quatro Bocas. Ela foi contada por Ângela Maria, que ouviu falar pela vizinhança.

Foi em um passeio no Quatro Bocas que um casal de namorados, que se chamavam Taís e Antônio, foi para uma festa em Fortalezinha. Chegando lá, na Ponte do Mocooca, às 18h30, eles começaram a ouvir barulhos de criança de baixo da ponte, então eles foram ver o que era aquilo.

Quando viram, era uma criança vestida de anjo, com os olhos pretos e lágrimas de sangue escorrendo em seu pequeno rosto.

Eles começaram a rezar, depois desse instante, aquela criança vestida de anjo desapareceu.

Eles ficaram com medo e dúvida, já que nunca tinham visto algo assim antes. Mas depois disso, eles seguiram viagem, entretanto, ficaram bastante amedrontados, já que eles só puderam voltar para a casa no outro dia.

HISTÓRIAS COM PERSONAGENS AMAZÔNICOS CONHECIDOS

Vulto do Curupira

(Recontado por Marcos Paulo Soares Da Costa)

Está história aconteceu na cidade de Maracanã no bairro do Itacoã, na rua Espirito Santo. Ela se passa no final da década de 1970 e foi contada por meu tio Antônio Macedo, mais conhecido como Toninho. Ele ouviu pela vizinhança do bairro.

Nico, um simples garoto da rua Espirito Santo, morava com seus pais recém-chegados do Maranhão. Naquela época, o bairro onde eles moravam quase ainda não tinha luz, portanto era escuro onde moravam.

O garotinho saiu à tarde para passarinhar e brincar com seus amigos de baladeira, num mato ali próximo de sua casa. Foi então quando viram algo, como um vulto preto de uma pessoa passar pela sua frente. Ele ficou espantado, porque aquela criatura andava diferente: de costas, com os pés voltados para trás.

Eles, assustados, com muito medo, correram para as suas casas, enquanto que Nico ficou. Foi quando aquele vulto preto o possuiu e cada vez mais o levava a uma Cácaia. Cácaia é um espaço de difícil acesso, de cipós trançados, tiriricas e tucumanzeiros do mangue.

Quando se deram conta do desaparecimento de Nico, seus amigos falaram para seus responsáreis e para os pais de Nico.

– Ele deve estar possuído pelo vulto! – Disseram os amigos de Nico.

Então, todos saíram em disparada à procura do garoto. Já estava escurecendo e todos acenderam lamparinas.

Naquele momento, as pessoas da rua que procuravam por Nico o avistaram no final da rua, no manguezal, no meio daquela cácaia com aquele vulto. A criatura sobrenatural tinha olhos vermelhos como sangue e o cabelo quente pegando fogo.

Na hora certa, todos se aproximaram dele, e de repente a criatura some da vista dos moradores. Foi a oportunidade de resgatar o menino, e que todos decidiram agarrar Nico, que parecia gelado a liso como sabão. Ele gritava dizendo:

– Me soltem, eu quero ficar aqui! Eu não quero ver vocês, vão embora!

E então todos seguraram Nico com força, envolvendo-o num lençol e o puxaram. Conseguiram, assim, resgatar Nico daquela cácaia, porém ele estava desacordado. Seus pais o pegaram no colo e o levaram para a casa.

No dia seguinte, perguntaram a Nico se ele se lembrava do que havia acontecido. Ele respondeu dizendo que não se lembrava de nada, talvez por causa de estar possuído e não tinha consciência de nada.

Eu e Matinta Pereira

(Recontado por Stefanny Nayane Carvalho Santos)

Meu tataravô, seu Sebastião, de 58 anos, pescador, relatava história que aconteceu na cidade de Maracanã, na sede da cidade. Não se sabe exatamente o ano de sua ocorrência.

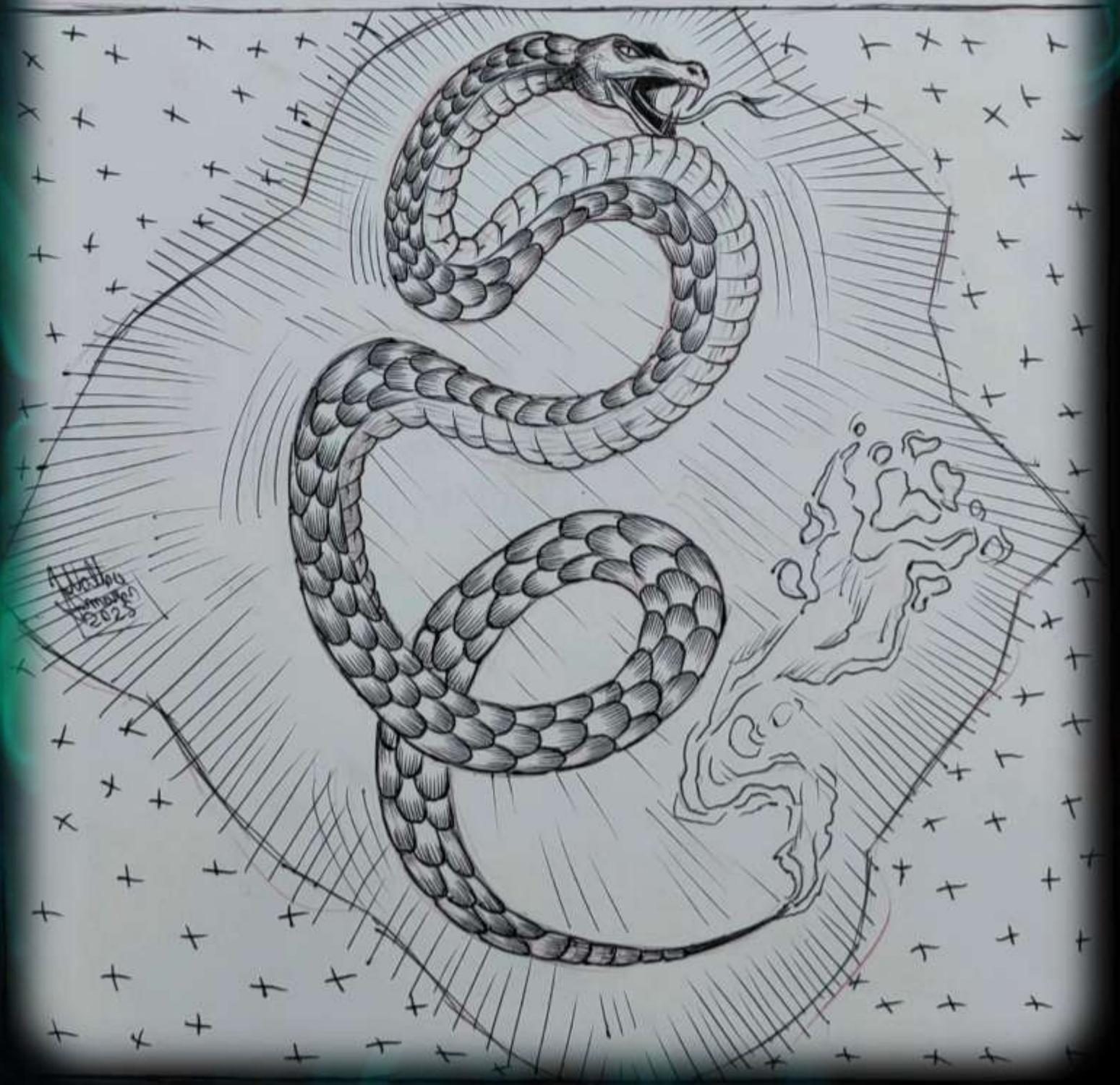
Em todas as minhas idas no caminho ao mar, um cachorro com um olhar estranho e suspeito atravessava no meu caminho, parando em minha frente e me olhando nos olhos, de modo que queria atacar. Em todas essas vezes, sentia meu corpo trêmulo e suado, então comecei a analisá-lo, e decidi dar um ponto final. Aguardei até o dia seguinte e quando ele apareceu na minha frente, ameacei ele com o meu facão dizendo:

– Se amanhã tu aparecer na minha frente, eu te corto ao meio!

No dia seguinte, mal sabia eu que quem me encontraria com a Matinta Pereira. E começou uma grande perseguição, uma grande luta corporal, que eu, com mais agilidade, consegui levantar seu rosto e identificar de quem se tratava, o que confronta a tradição delas de não conseguirem ser identificadas.

Era a minha vizinha. Depois de ser desvendada, me ameaçou, que se eu contasse a alguém o segredo dela, ela me tiraria a vida. E eu lhe disse:

– Ai de ti que eu sinta dor num canto de unha se quer, eu te corto ao meio – e nada me aconteceu.

E todos ficaram sabendo a identidade da Matinta Pereira.

A Boiúna

(Recontado por Deyvison da Costa Martins)

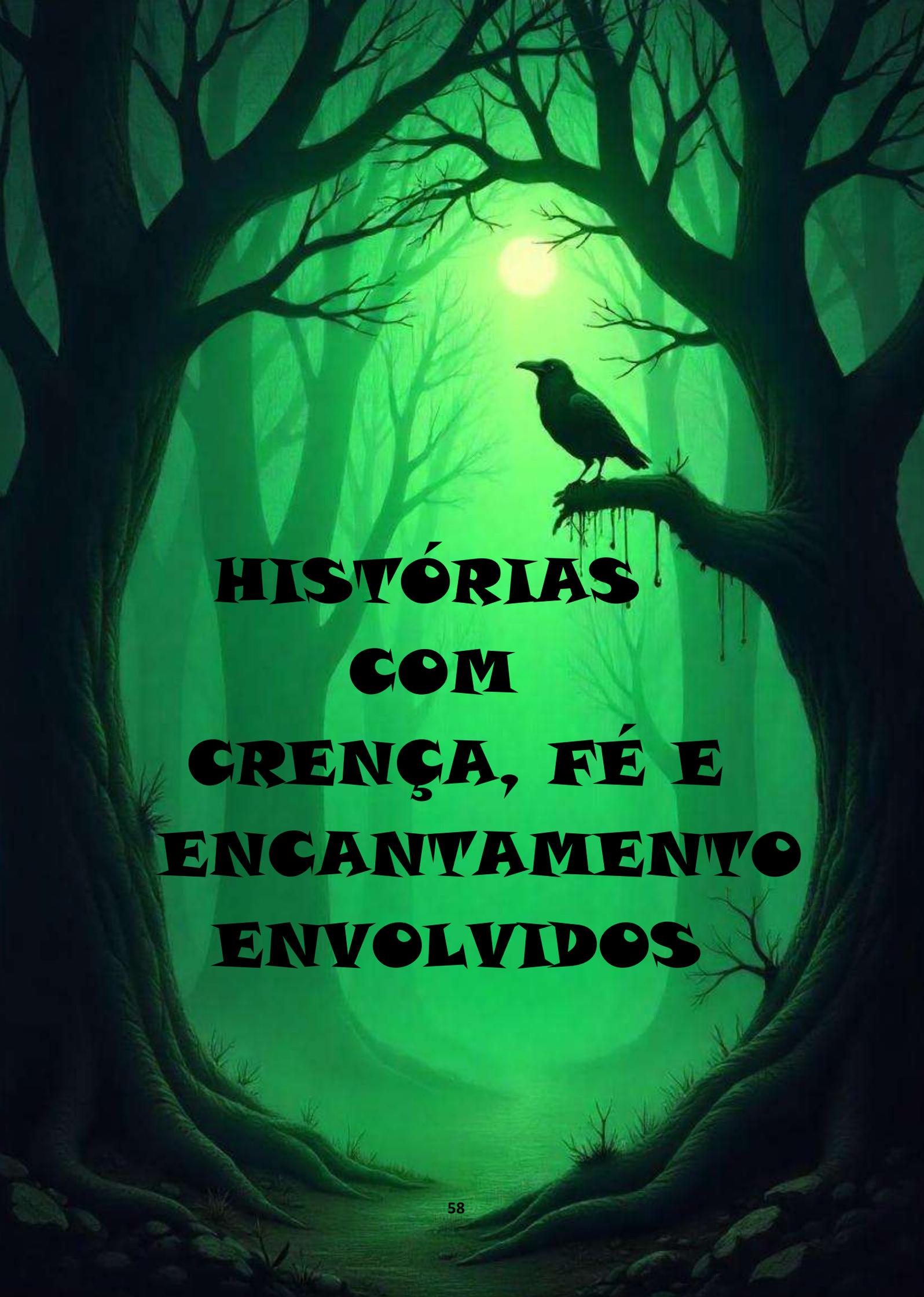
Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no ano de 1997. Ela foi contada por Seu Jacinto Pinto, que ouviu seu avô contar.

Num dia aparentemente comum, meu avô, Seu Francisco, pescador, foi para mais uma de suas longas noites no mar. Nessa noite, o mar estava brabo, o clima estava tenso, o cenário perfeito para o que estava prestes a acontecer.

A história era antiga, havia no mar uma enorme cobra, que segundo as pessoas, seu comprimento abrangia todo o rio Maracanã. Porém, seu Francisco, pescador de longas datas, não acreditava, pois nunca durante suas noitadas pelo mar, viu o que estava prestes a mudar sua visão.

O cenário era de um filme de terror: uma tempestade caia, fortes travões, enormes ondas e o barco mexia fortemente de cima a baixo, quase virando. Seu Francisco já estava desesperado, só ele e seu amigo naquele barco, sem saber mais o que fazer.

Foi quando a história da enorme cobra chamada Boiúna se tornou verdadeira para eles, quando em apenas um mergulho dela, o barco por muito pouco não virou, conseguiram ver somente uma ponta de sua cauda e realmente se tratava de algo inimaginável, por sorte ela estava só de passagem.

O mar demorou para se acalmar e seu Francisco e seu amigo chegaram em terra seca, agradecendo a Deus e a seus pais, chegaram com vida para contar a história da grande Boiúna que assombrava os pescadores.

HISTÓRIAS COM CRENÇA, FÉ E ENCANTAMENTO ENVOLVIDOS

Um Relato Arrepiante

(Recontado por Júlia Ossullivan Monteiro Carvalho)

A história ocorreu em Maracanã-PA, no ano de 2005, com uma mulher de 55 anos chamada como Ibeuzanira, mais conhecida como D. Nira. Ela nos relata sobre a sua experiência sobrenatural no quintal da sua casa.

Em uma certa noite, D. Nira acabara de jantar com sua sobrinha. O jantar havia sido caranguejo, e quando acabaram, D. Nira pediu para que sua sobrinha fosse jogar a casca de caranguejo no quintal de sua casa, mas sua sobrinha recusou-se e disse:

– Não faz bem jogar cascas ou qualquer outra coisa no quintal!

D. Nira não se importou com o que a sobrinha havia falado, cuidou de jogar a casca do caranguejo na raiz de uma mangueira que havia no seu quintal. Foi quando começou a sentir algo estranho, um vento, um cheiro estranho no ar, logo começou a se arrepiar toda, jogou as cascas e se virou para ir para dentro de sua casa. Quando de repente, ela ouviu uma voz dizendo:

– Não fique de costas para a mangueira senão ela vai atacar!

Então, ela virou-se novamente para a mangueira, foi andando de costas até a porta de sua casa, e num só movimento corporal, entrou. A senhorinha foi para o seu quarto e ajoelhou-se, orando para que Deus não deixasse isso acontecer novamente. E assim ela continuou indo para o seu quintal novamente, e isso não voltou a acontecer.

HOOO

A Feiticeira dentro da Casa

(Recontado por Ayram Michell Monteiro de Almeida)

Esta história se passou na cidade de Maracanã, no bairro da Liberdade, no ano de 2021. Ela for contada por Arilene Monteiro que vivenciou a aparição.

Um certo dia, quando minha mãe foi ao quarto dela, para ver a mim e minhas irmãs, ela saiu, quando de repente, deu de cara com uma feiticeira. Ela ficou horrorizada e em choque. Quis falar, mas não conseguia. Então quando a feiticeira sumiu, ela correu para meu quarto e das minhas irmãs.

Ela contou que tinha uma feiticeira, isso já era à noite, e eu e minhas irmãs fomos dormir. Quando amanheceu, ela ficou pensando no que tinha acontecido. Mais tarde, ela foi chamar um pastor para orar na casa antes dela dormir.

Depois que o pastor terminou de orar, ele disse que a feiticeira nunca mais ia aparecer. Ela realmente nunca mais apareceu, mas até hoje ela tem medo daquela mulher sobrenatural aparecer de novo.

O Homem Castigado pela Princesa de Algodoal

(Recontado por Stefhanny Vitória dos Santos)

Esta história aconteceu na Ilha de Algodoal, no ano de 2015, ela foi contada pela minha mãe, que não vivenciou, mas ouviu falar.

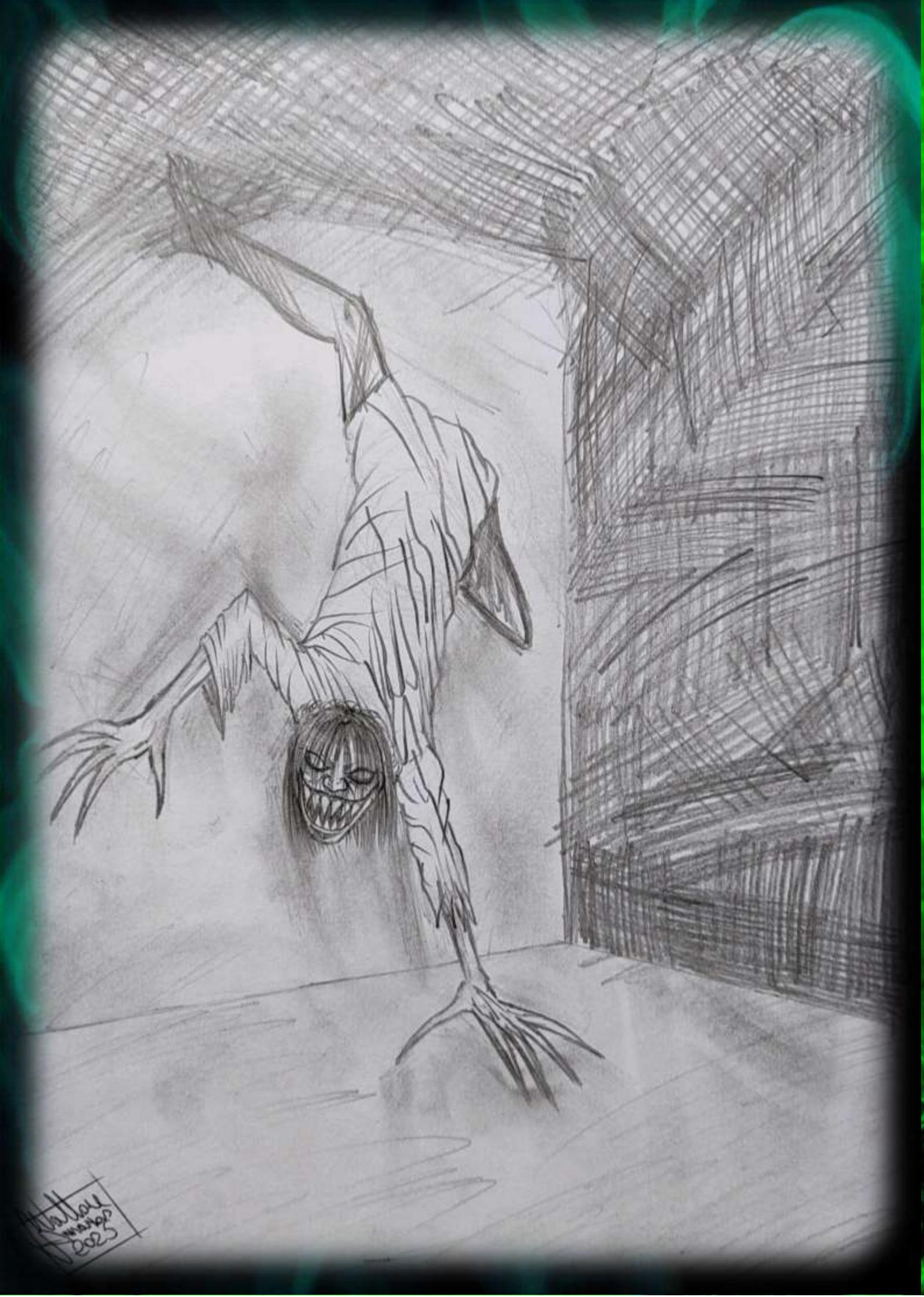
Certo dia, por volta do meio-dia, alguns pescadores estavam almoçando no Bar da Pedra, que fica bem próximo ao Lago da Princesa. Eles terminaram de almoçar, resolveram pegar o barco e ir tomar um banho no lago. Quando chegaram lá, um deles ficou encantado com a beleza do lugar, mas faltou com respeito em relação à lenda de uma princesa que viveria ali. Ele disse a seguinte frase para o amigo ao ouvir a lenda:

– Ah, se eu pego essa tal de princesa encantada, ela iria saber o que é ter um homem de verdade!

O primo dele que estava lá ficou preocupado, depois que ele falou aquilo, pois ninguém nunca teve coragem ou ousadia de brincar com aquela lenda, por mais que não acreditassem, eles sempre respeitavam. Logo em seguida, eles pegaram o barco e foram tomar um banho no lago.

Mais tarde, ele chegou em sua casa sentindo uma febre alta e uma dor no corpo, seus parentes acharam estranho, pois ele era acostumado a ficar o dia inteiro no sol. Eles resolveram chamar um curandeiro para ver a situação dele, e assim, passar um remédio. Logo quando o curandeiro chegou, ele sentiu uma energia pesada na casa, viu o homem e se assustou quando soube da maneira como ele tratou aquela lenda.

O curandeiro disse que não podia fazer nada para ajudar o homem. Que era para preparar o funeral, pois ele não iria passar da meia-noite. Dito e feito! O homem faleceu e as pessoas que foram ao funeral, disseram que parecia que ele tinha morrido afogado, pois seu corpo estava roxo e sua face paralisada, numa expressão de pavor e medo.

Essa história é contada até hoje pelos pescadores e pelos moradores mais antigos da Ilha e serve de lição para nunca brincar ou zombar das histórias e lendas e nunca duvidar do imaginário, pois a consequência é grande.

A Pisadeira

(Recontado por Kauanne Beatriz dos S. Vasconcelos)

Aconteceu, na cidade de Maracanã, uma história contada por D. Diomar, na Vila Faustina, ela ouviu os moradores contarem. Não se sabe exatamente o ano que aconteceu.

Conta-nos Dona Diomar, antiga moradora de um pequeno interior chamado Vila Faustina, que certa vez, um jovem chamado Antônio tinha acabado de ter um farto jantar na casa de sua avó, com quem ele morava nesse pequeno interior.

A sua avó o mimava fazendo todos os seus pratos que gostava: pão de queijo, bolo de fubá e o imperdível curau de milho verde.

Sua avó, porém, preocupada, avisou:

– Controle-se, meu filho, senão a Pisadeira virá lhe visitar!

A Pisadeira é uma velha de aparência assustadora. Ela é alta e magra, tem unhas grandes e dedos compridos e secos, tem olhos vermelhos e arregalados, de baixa estatura, com cabelos arrepiados e brancos.

– Vovó, isso é coisa de gente velha! – Respondeu o rapaz com desprezo.

Humilhar sua avó foi seu primeiro erro, seu segundo erro foi deixar as janelas de seu quarto abertas. No meio da noite, acordou com sua boca seca, tentou alcançar o copo de água que estava perto de sua cama, mas seus braços não respondiam e nem suas pernas, ele estava tendo aquilo que chamamos de paralisia do sono, uma doença frequente entre aqueles que comem demais à noite.

Seu pesadelo estava apenas começando, Dona Diomar conta que de todos os pecados capitais, a gula é o mais perigoso.

Naquela noite, o jovem Antônio teve uma parada cardiorespiratória por complicações digestivas, mas a sua avó e todos do interior da Vila Faustina sabem que, na realidade, ele foi morto por aquela velha que se alimenta do terror de suas vítimas paralisadas, que é conhecida como a Pisadeira.

O Homem de Preto

(Recontado por Luis Gustavo Araújo)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro da Liberdade, na Rua Niterói, no ano de 2022. Ela foi contada por Oziel, um senhor do bairro da Liberdade que vivenciou a aparição da visagem.

Quando o Senhor Oziel estava sozinho no bar, às 23h30 da noite, a visagem apareceu.

Ele contou que estava no bar do seu irmão, no bairro da Liberdade, no sábado à noite, dia 20 de fevereiro de 2022.

Quando todos os clientes saíram do bar, ele estava esperado o seu irmão, que é dono de bar. Oziel estava juntando latinhas no quintal do bar. De repente, ele pressentiu a presença de um homem de preto, no entanto, quando ele virou de costas, ele só sentia tapas e socos, mas não via ninguém. Foi quando ele começou a gritar, repreendendo em nome de Jesus aquilo que seria um homem. Até que ele sumiu.

Com o grito, veio o irmão dele e a mãe, mas eles não viram ninguém além do rapaz porre na raiz da mangueira.

As Lágrimas dos Antigos

(Recontado por Klara Hermyone Almeida Monteiro)

Esta história se passa no terreno da Tia Mitinha, na cidade de Maracanã, no ano de 1995. Ela foi contada para o Seu Miguel pelo Senhor Floracinto, mais conhecido como Fuluca.

Esse fenômeno ocorria sempre próximo a datas religiosas, como por exemplo, o Círio de Maracanã, Dia dos Reis, Dia de finados e *Corpus Christi.*

Quando essas datas estavam se aproximando, surgiam na véspera, à noite, sob uma intensa luz, pedras de todos os tamanhos em uma área no sítio, acompanhadas de grande lamúria ou choro, que eram ouvidos em todo o sítio. E quem se aproximava era tomado por medo e grande pânico, viam pessoas dançando como se estivessem sentindo fortes dores.

Assim que começava a amanhecer, as almas iam sumindo, e logo em seguida, as pedras sumiam no solo. Às vezes eram encontradas moedas, cordões e anéis antigos. Uma vez, um neto da tia Mitinha cavou uns três metros tentando encontrar as pedras, porém não encontrou nada.

O falecido Fuluca jurava que essa história era verdadeira. Ele mesmo deixou enterrado lá no sítio o dedão do pé direito que ele cortou com um machado enquanto ele cortava lenha. Pelo sim, pelo não, é bom ter cuidado com as almas que aparecem em épocas de datas religiosas.

CEMITÉRIO: UM LUGAR DE APARIÇÕES

A Aparição no Cemitério

(Recontado por Eloiza Conceição dos Santos)

No bairro do Centro de Maracanã, no ano de 1999, esta história aconteceu. Ela foi contada por Paulo, mas quem vivenciou a aparição foi seu pai.

Era por volta do ano de 1999, um humilde senhor foi contratado para realizar um trabalho no cemitério principal da cidade de Maracanã, na obra de uma catacumba.

Certo dia, sozinho e com fome, em um horário que se aproximava das 12h, o senhor estava cansado e apressado, querendo logo terminar seu trabalho, o humilde senhor estava arrumando algumas de suas ferramentas para já partir para sua residência. Quando, repentinamente, foi surpreendido por um homem alto de pele branca e olhos azuis, e lhe fez a seguinte pergunta:

– O senhor sabe onde fica minha catacumba?

O Senhor muito apressado e assustado respondeu:

– Eu lá sei onde fica a sua catacumba.

Virou-se e foi embora muito assustado com o ocorrido.

Ao chegar em sua casa, chamou sua família e contou o ocorrido, sua família ficou bastante assustada, com muito medo daquela situação muito bizarra, o clima rapidamente ficou tenso e assustador.

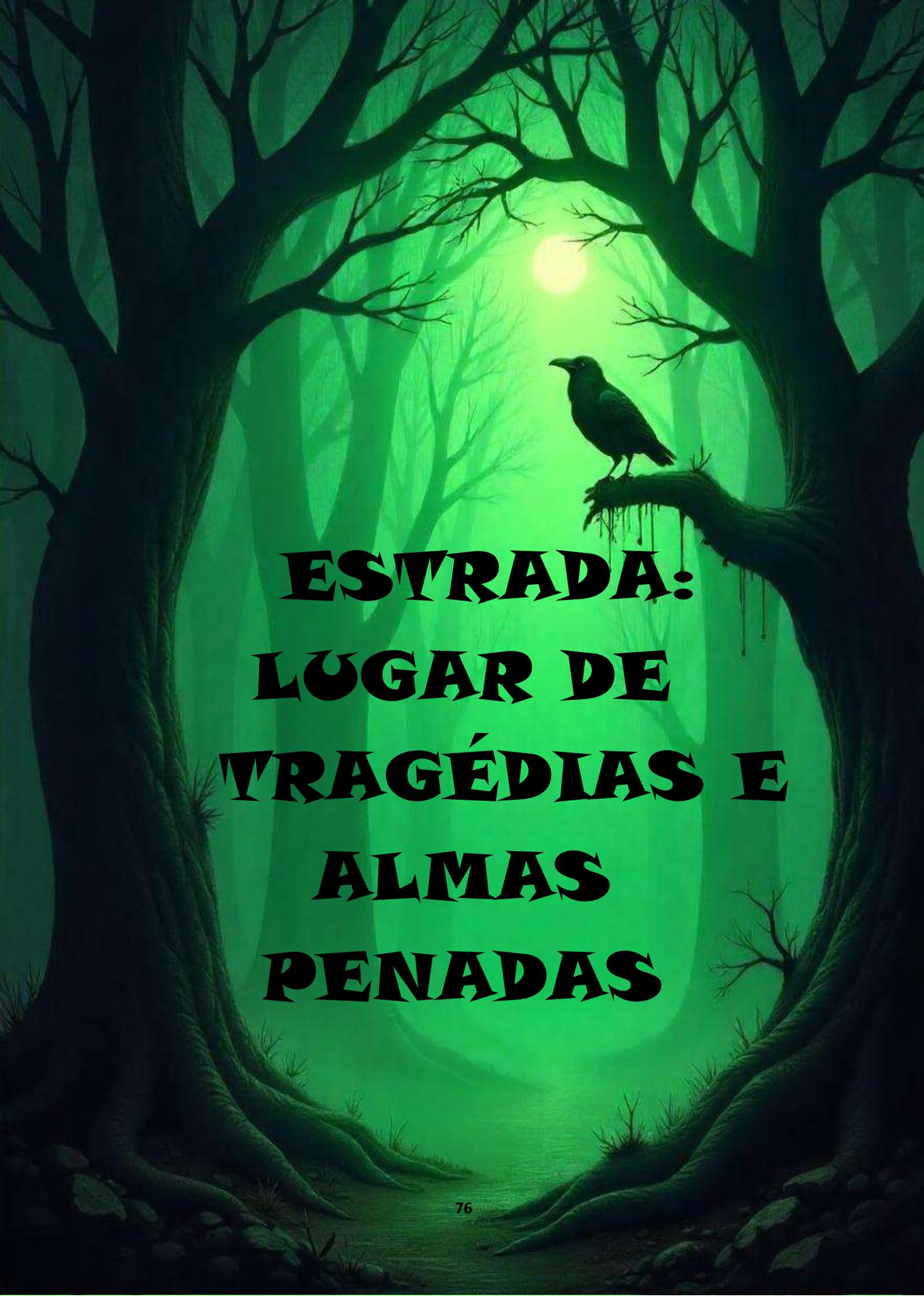
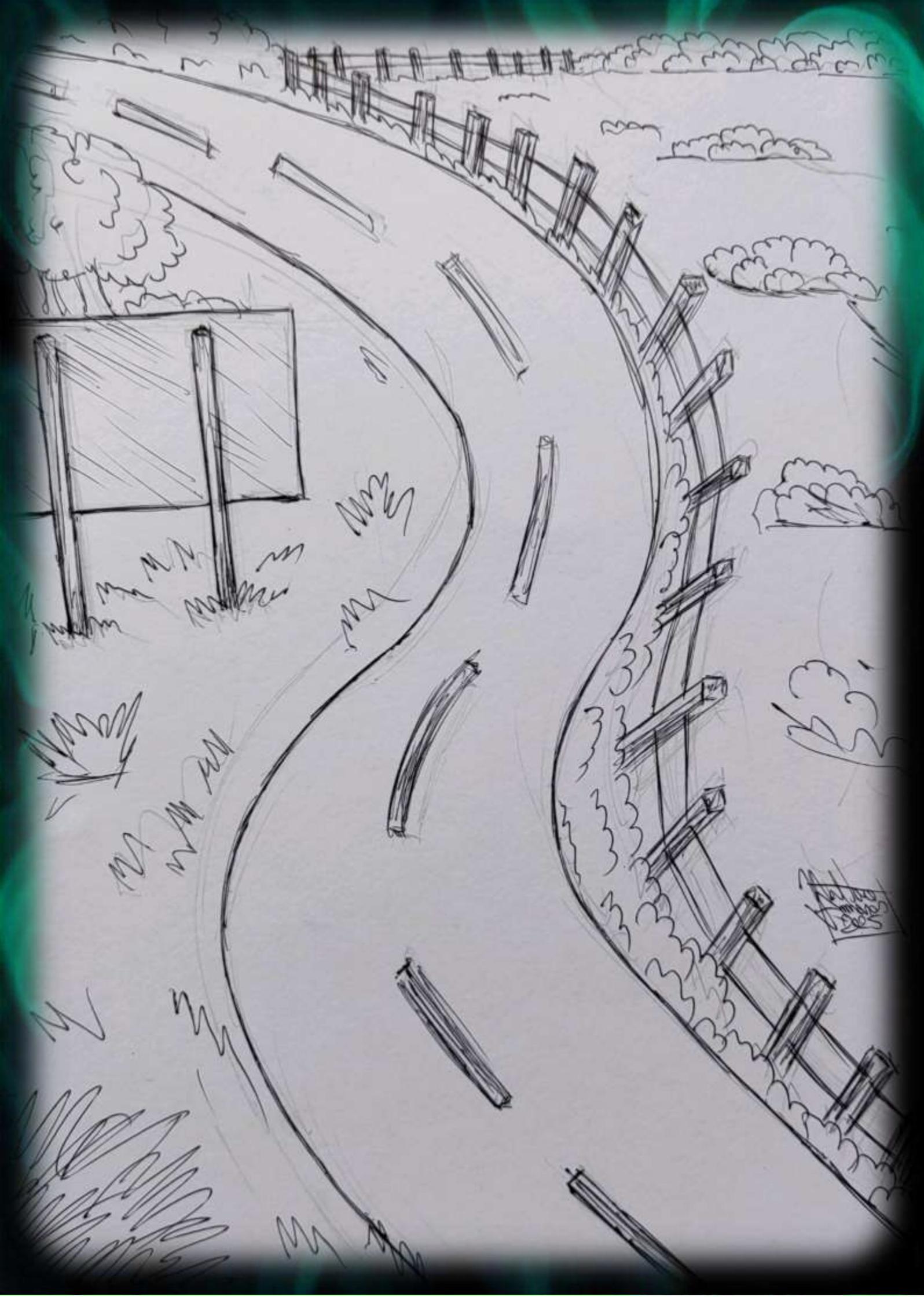
Conta-se que até nos dias atuais essa mesma situação acontece no cemitério municipal da cidade, o que tem deixado bastantes trabalhadores assustados e tensos.

A Loira do Cemitério

(Recontado por Walber Arthur Alcantara Castelo)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro São Miguel, no ano de 2003. Ela foi contada por João Batista, que presenciou a aparição.

Eu tenho 50 anos, rodo como mototáxi, há cinco anos estava acontecendo uma festa aqui em Maracanã e eu estava rodando. Nessa noite, já era umas 3 horas da manhã, quando fui até lá no começo da cidade, e vi uma loira bonita, e parei para perguntar se ela queria mototáxi. E assentiu com a cabeça que sim.

Seguimos a viagem toda em silêncio, ela não falou nada, chegando à rua do cemitério, eu perguntei onde era a sua casa, e ela começou a rir. Comecei a estranhar esse comportamento, decidi parar o veículo, ela desceu, e eu saí em disparada dali, suando frio. Nunca mais ela tornou a aparecer.

ESTRADA: LUGAR DE TRAGÉDIAS E ALMAS PENADAS

A Lombada Mal-assombrada

(Recontado por Maria Eduarda Ferreira Pimentel)

Esta história aconteceu em Maracanã, no km 24, no ano de 1988. Ela foi contada por Curica, que ouviu falar pela vizinhança. Ela relatou que sempre sua mãe contava aos seus filhos e pessoas mais próximas.

Há anos um casal de jovens que eram moradores do km 24, moravam juntos e que estavam em um dos melhores momentos de suas vidas, esperando a chegada do seu filho, que estava preste a nascer.

Ao chegar o dia mais esperado, o casal se encheu de felicidade, só que ao passar os meses, suas condições financeiras foram mudando e piorando cada vez mais. Devido ao acontecido, o homem teve que procurar algo para trabalhar, e logo apareceu uma humilde proposta de emprego de entregador de farinha, que ele, sem perder tempo, aceitou. No dia seguinte, pela manhã já iniciaria e terminaria à noite, recebendo a diária.

Certo dia, em uma terça-feira, o homem chegou muito bêbado em sua residência, após ter gastado todo o seu dinheiro em bebida. Nesse momento, houve um grande desentendimento entre o casal, logo em seguida, após a discussão, o homem tornou a sair de sua casa. Caminhando sem rumo, passou por uma das lombadas ali das proximidades e continuou a beber. Nem passaria em seus pensamentos que uma grande tragédia estaria prestes a acontecer.

Sua esposa saiu de sua casa e seguiu rumo ao seu encontro, chegando ao local onde o homem a encontraria. Ela, numa atitude impulsiva e desesperada, o assassinou brutalmente, estando ele sentado sobre a lombada que ficava próximo a sua residência.

Após a mulher voltar a sua casa, pegou o seu filho e começou a culpar criança do que havia acontecido, ela estava totalmente fora de si. Levou a criança no local do crime e também o matou. Chorando muito, e arrependida do que tinha feito, acabou se suicidando ao lado do homem, que era seu esposo, e da criança, que era sua filha.

Depois do trágico acontecido, pessoas que moravam nas proximidades passaram a relatar que o casal aparecia nas noites de terça-feira, chorando pela morte da criança no local da tragédia.

O Homem que Perseguia Pessoas no Km 40

(Recontado por Maria Gabrielly Pinheiro Doa Santos)

Esta história é contada por moradores do local, na cidade de Maracanã, no Km 40, não se sabe exatamente o ano em que ocorreu.

Em um dos acidentes trágicos na estrada de Maracanã, no km 40, a demora no socorro à vítima resultou que um homem acabou morrendo.

Uma semana após o acidente, o homem apareceu pela primeira vez na estrada do sítio do Senhor Elias Casseb.

Dias depois, o caseiro do sítio, viu um homem sentado na beira da estrada e lhe ofereceu comida. O sujeito disse que queria apenas um copo com água.

O caseiro foi buscar o que o homem pediu, e quando voltou, ele não estava mais lá, tinha sumido.

O caseiro voltou para casa, olhou no relógio e viu que ia dar meio-dia.

Logo ele lembrou que tinham falado que essa era a hora que o homem mais aparecia na estrada, sendo que às vezes ele aparecia à noite, quando as pessoas passavam sozinhas de carro, moto, bicicleta ou a pé, ficava andando na frente das pessoas e as acompanhava até a entrada da cidade.

A Misteriosa Curva do S

(Recontado por Jamille Vitória dos Santos Silva)

Esta história aconteceu no Km 19, na cidade de Maracanã, no ano de 1996. Ela foi contada por Aguiar, que vivenciou a aparição.

Eu estava vindo de Belém para o Km 19, peguei o carro e vim embora, quando cheguei na boca da estrada velha, eu parei e fiquei no km 25, lá nessa entrada tinha uma curva, chamada curva do esse. E lá, quem passa às 6 horas da tarde em diante, que não pegasse um tapa da visagem, estava mentindo. E eu, sabendo disso, já estava com medo de passar lá de noitinha.

Mas assim mesmo fui. Quando fui me aproximando da curva do esse, nada via. Chegando lá perto do Km 19, me deu vontade de urinar.

Eu estava levando uma caixa de compras e uma sacola de roupas. Acabei colocando as coisas no meio da estrada e fui para o mato.

Quando estava lá, de repente, eu vejo uma coisa no meio da estrada e fui para o mato. De repente eu me deparo com uma pessoa dos pés à cabeça e percebi então que era um cadáver usando uma calça comprida preta e camisa manga comprida também preta.

Fiquei assustado e com medo, mas mesmo assim fui embora, e quando chequei em casa relatei a situação para a minha mãe, ela disse que era um fulano que havia morrido no dia anterior embaixo de um carro e ficou aparecendo na famosa curva do esse.

O Homem das Três Horas da Madrugada

(Recontado por Ana Samilla Brito de Almeida)

Esta é uma breve história aconteceu na cidade de Maracanã, no Km 36, no ano de 2018. Ela foi contada por Ana Samilly, que presenciou aparição.

Todas as 3h da madrugada aparecia um homem na estrada de Maracanã, na PA que dá acesso a essa estrada, no km 36. Um dia, estávamos eu e mais duas pessoas viajando para Belém, às 3h. Estava o motorista, a minha mãe e eu, no carro, perto do km 36, passou uma criatura misteriosa. Foi nesse instante que fiquei assustada e com muito medo que alguma coisa de ruim pudesse acontecer.

O motorista deu uma freada brusca, nós estávamos um pouco acordados, um pouco sonolentos naquele horário, com os olhos um pouco abertos, um pouco fechados, levamos um grande susto. O movimento era intenso, para cima e para baixo, o caos estava instalado. O carro que estávamos virou uma mola, que virou e revirou, até que aquele movimento catastrófico parasse.

Depois só vi gente, muita gente, ambulância, paramédicos, médicos. Até que percebi, estávamos em um acidente terrível. O motorista não resistiu e a minha mãe e eu sobrevivemos.

Passaram-se algumas semanas, contamos a todos que o responsável por aquele nosso acidente tinha sido um misterioso homem que apareceu repentinamente no meio da estrada. Todos que moram nessa estrada falaram que já aconteceu muitos acidentes com mortes nesse trecho, por conta do homem das 3h da madrugada. Nós ficamos assustadas e nunca mais quisemos viajar nesse horário. Nunca viaje às 3h da madrugada!

HISTÓRIAS ASSOMBRADAS DO COTIDIANO DE MARACA

O Calça Molhada da Vila Nova

(Recontado por Stéfhany Nicolle Da Silva Miranda)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no ano de 1962 no bairro da Vila Nova. Ela foi contada por Margarida Maia e ela também é a personagem da história.

Na oitava noite de setembro de 1962, no horário de meia-noite, no bairro Vila Nova, em Maracanã-PA, a senhora Margarida, popularmente conhecida como "Dona Magá”, estava com seu filho nos braços, com apenas oito dias de nascido, quando escutou um barulho parecido com alguém andando de "calça molhada". A vizinhança afirmava que todos os dias essa mesma visagem passava pelo bairro, por volta da meia-noite, por causa disso, ao anoitecer, os moradores do bairro começavam a entrar em suas casas falando que a visagem do calça molhada iria aparecer.

Aquela noite estava sendo fria e chuvosa, a Dona Magá estava sozinha com o seu filho recém-nascido, quando escutou um novo barulho de calça molhada, mas continuou deitada acalentando a sua criança. Em um certo momento, aquilo resolveu entrar na casa dessa senhora, e seja lá o que fosse, causou zoada.

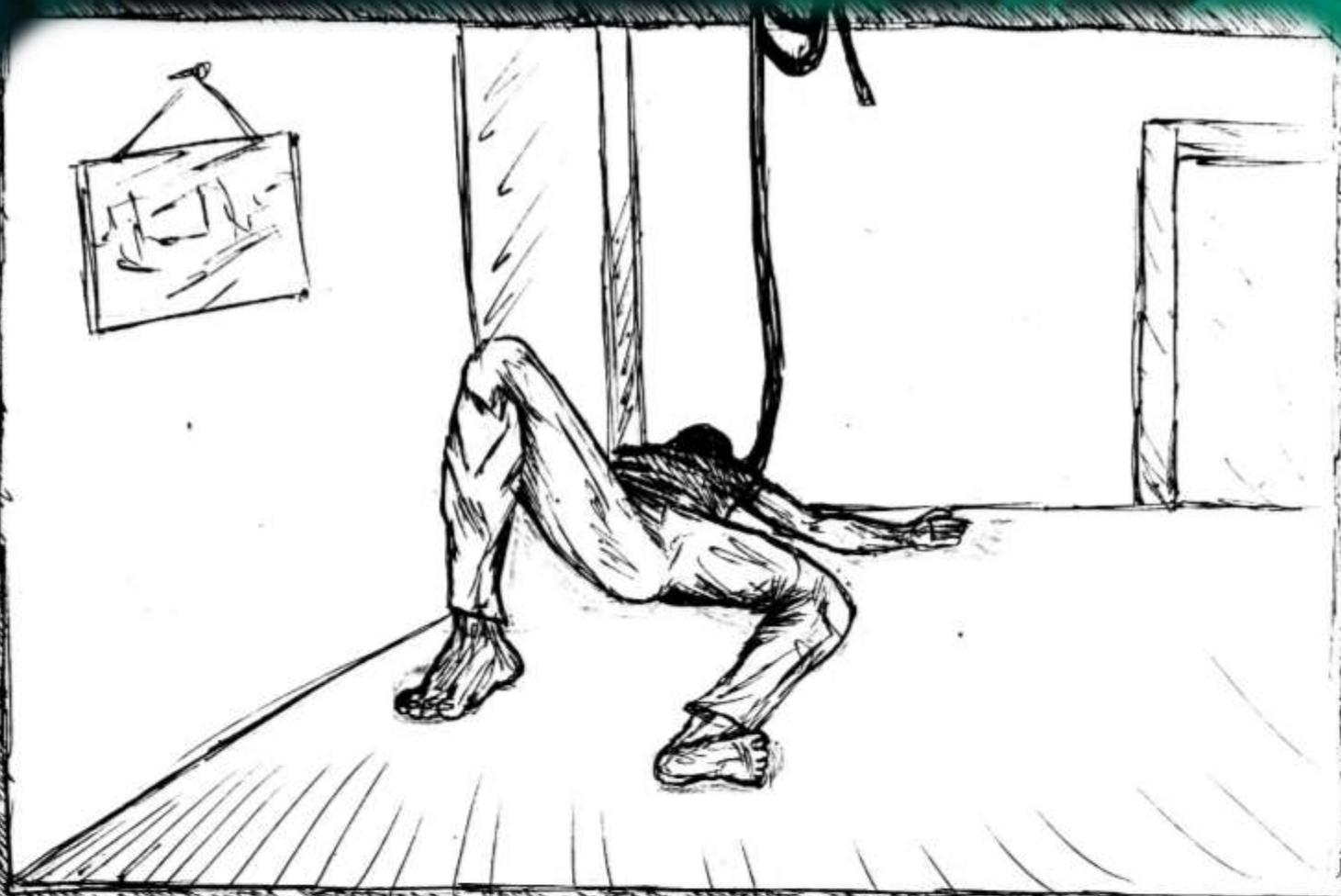
A casa era feita de barro e as portas eram feitas de esteira, principalmente, a porta de quarto, pois naquele tempo as pessoas não tinham muito dinheiro, trabalhando na roça ou na pescaria.

Já passava da meia-noite, quando aquilo resolveu entrar na casa, encostou-se na esteira da porta e, logo em seguida, entrou na casa, momento em que o filho da Dona Magá começou a chorar, e ela decidiu dar mama para que ele se acalmasse. "Aquilo”, como ela mesma dizia, foi entrando na casa até que chegou no seu quarto e ela ficou muito assustada ao ver a sombra e começou a se arrepiar.

O galo cantou a primeira vez, a segunda vez, na terceira vez foi embora em direção à rua fazendo zoada e levando consigo o barulho de calça molhada, espantando os moradores e fazendo os cachorros latirem.

Após o acontecimento dessa noite assustadora, a senhora foi tentar dormir para esquecer a que havia passado. Mas esta noite ela nunca conseguiu esquecer aquele terrível acontecimento.

Depois de muito tempo, a região onde o calça molhada andava, passou a ser habitada por outros moradores, área que antes era conhecida somente pelo matagal. Hoje em dia, o calça molhada nunca mais foi visto andando pelas ruas do bairro da Vila Nova e nem por nenhuma outra rua do bairro.

Todavia, os antigos moradores ainda costumam recolher-se cedo para evitar qualquer tipo de visagem que possa aparecer na região, pois nunca houve relatos de que essas assombrações tenham sido abençoadas ou resolvidas. Motivo pelo qual o calça molhada pode estar em qualquer lugar, pronto para assustar qualquer pessoa em qualquer momento.

O Moço de Branco

(Recontado por Bianca Beatriz de Oliveira Favacho)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no bairro São Mateus, no ano de 1982, foi contada por Manoel do Socorro, que ouviu pela vizinhança.

No dia 28 de agosto de 1982, uma moça passava todo dia pela rua da minha casa para caminhar. Ela costumava passar às 17h e voltava às 20h.

Num belo dia, ela decidiu caminhar para outro bairro vizinho. Ela começou a ficar com medo, pois estava sozinha. De repente, ela olhou para trás e viu um moço vestido de branco.

Nessa hora, ela ficou com muito medo e decidiu andar mais rápido. Quando ela se virou, deparou-se com o homem na sua frente, gerando nela um sentimento de pânico, e logo começou a gritar. O moço falou para ela:

– Me ajude!

Ela, perplexa e menos assustada, perguntou:

– Como eu posso ajudar você?

– Me ajude a enterrar meu corpo! – Ele falou.

Ela ficou desnorteada e apavorada com o pedido, e tornou a perguntar:

– Onde está seu corpo?

– Está na minha casa, me siga! – Respondeu o moço estranho.

Ela, mesmo com muito medo, foi seguindo o homem.

Quando ela chegou e se deparou com o corpo do homem, todo amarrado, coberto de sangue, saiu correndo até a casa dela. Quando ela chegou, o moço estava lá. Ela perguntou, com ar de preocupação:

– O que você quer de mim?

– Vá na minha casa e liberte o meu corpo! – Disse o moço.

A moça respondeu que não ia. O homem então sumiu, quando deu 00h30, ele apareceu perto da sua cama e disse:

– Meu corpo foi libertado, mas toda noite eu venho te perturbar, porque você não me libertou!

A moça começou a gritar e assim ela morreu misteriosamente. Dizem por aí que ele a matou.

O Misterioso Homem de Preto

(Recontado por Emanuelle Albuquerque Martins)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, em 2021, no Bairro da Campina. Ela foi contada pela Alba.

Um homem que chegou na vizinhança sempre morou sozinho. Quando ele saía, vestia roupas pretas. Todos os seus vizinhos ficavam incomodados com vários barulhos que vinham da casa do homem.

Ele saía de sua casa para festas e quando voltava sempre vinha acompanhado por alguma mulher que conhecia na festa, e quando entrava na sua casa não saia mais. Os vizinhos achavam que ele poderia ser algum fugitivo da polícia ou que teria matado alguém.

Certa noite, uma mulher chamada Vanessa estava curiosa em saber quem era esse homem misterioso. Ela conversou com um amigo sobre a ideia de investigar aquele homem. Seu amigo Pedro, então percebeu que Vanessa queria entrar lá, verificando o risco que ela corria, logo tomou a iniciativa de falar para a amiga:

– Você não pode entrar ali! – Disse o amigo de Vanessa.

Quando seu amigo falou, Vanessa decidiu não entrar na casa. Mesmo assim, ela ainda tinha curiosidade de saber quem era esse homem misterioso.

No outro dia, a mulher estava observando o homem que ia saindo. Ela, disfarçadamente, saiu atrás do homem e seguiu atrás dele. Quando ela tentava chegar perto do cara misterioso, ele andava mais rápido. Até que ela acabou se distraindo. Quando olhou, o homem tinha desaparecido.

– Para onde ele foi? – Pensou Vanessa.

Ela ficou assustada com o fato de ele ter desaparecido, porém continuou procurando mais um tempo. Sem sucesso, ela decidiu voltar para a sua casa.

Depois disse dia, o homem nunca mais apareceu. De tão assustada, a moça desistiu da ideia de investigar a vida do homem e decidiu esquecer aquela história. Ficando no ar o mistério do seu aparecimento e das demais pessoas que sumiram na casa em que ele morava.

O Cavaleiro da Meia-noite

(Recontado por Alerrane Clarine Silva Modesto)

Desde a infância, meu avô paterno contava história vivenciada por ele, que aconteceu em Maracanã, no Bairro da Vila Nova, na Rua Algodoal.

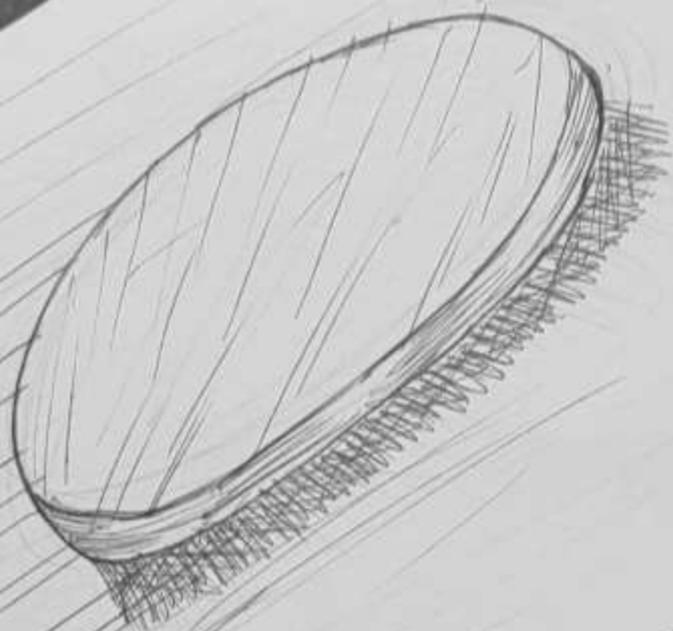
No ano de 2003, ele tinha chegado à cidade, não fazia muito tempo. Mas um dia, ele escutou os vizinhos, que diziam:

– Meu Deus! O cavaleiro apareceu de novo!

Ele, curioso para saber quem era esse tal cavaleiro, não dormiu a noite inteira, no entanto, não viu nem escutou nada. Ele, claro, ficou triste e perdeu a curiosidade.

Passaram-se dias e dias. Ele, em sua casinha, prestes a dormir, escutou barulhos que vinham da rua. Assustado, olhou para a relógio e viu que já era meia-noite. Ele pensava que poderia ser cachorros brigando, mas como era muito curioso, para saber quem ou o que, foi até a porta.

Quando a abriu, se deparou com um ser sobrenatural, que nunca tinha visto antes. No mesmo instante, seu coração começou a bater forte, seus olhos começaram a se fechar, lentamente, e um desmaio repentino aconteceu.

Quando acordou, ele se via na cama, se levantou, rapidamente, e foi até os mesmos vizinhos que tinham contado sobre o cavaleiro. Quando ia contar para os amigos, num passo de mágica, não conseguia falar. Os vizinhos acharam que ele estava louco e saíram daquele local, mas ele tinha a plena certeza que não seria a última vez que ele veria o cavaleiro de novo.

A Escova Arremessada

(Recontado por Adriel Jhemmys Da Silva Lopes)

Esta história aconteceu no bairro da Vila Nova, na cidade de Maracanã, no ano de 2016. Ela foi contada por Jaqueline do Socorro, que vivenciou o fenômeno sobrenatural.

Um dia Jaqueline foi lavar roupa na lavanderia de sua casa. Estava alegre, feliz e contente, porém estava sozinha em sua lavanderia. O lugar onde é o quintal, por completo, estava escuro. Sua mãe e seu irmão estavam na sala assistindo televisão. Então ela sentiu como se tivessem jogado uma escova na sua direção, em suas costas.

Na mesma hora, ela gritou e todos foram ver o que tinha acontecido. Estava passando mal, já que ela tem problema no coração.

– Minha filha o que aconteceu? – Perguntou a sua mãe.

– Eu senti como se alguém tivesse arremessado uma escova nas minhas costas. –Disse Jaqueline.

Então a moça não dormiu a noite pensando o que ou quem teria arremessado aquela escova, mas nunca descobriram. Depois disso, ela tomou água com açúcar para se acalmar e tentar dormir. Sem sucesso, Jaqueline não conseguiu dormir aquela noite, pois pensava toda hora naquilo. Por muito tempo e até os dias de hoje ela se lembra, com preocupação, do ocorrido.

O Barco Mal-assombrado

(Recontado por Magno Araújo de Oliveira)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no ano 2014, no bairro do Beiradão, foi contada por um homem chamado Marcio, ele presenciou a aparição.

Numa noite nublada, meu pai tava dormindo na rede e passou um vulto na ponta do barco. Meu pai se levantou para ver e não viu nada.

Depois ele voltou a dormir e de novo ele escutou um barulho na parte de trás do barco. Quando ele foi olhar, não viu nada de novo. Ele foi dormir outra vez.

Aquele barulho de novo apareceu e bateu na rede. Quando acordou, viu uma coisa assustadora: um velho sentado numa cadeira feita de ossos de pessoas.

Com isso, ele correu de medo e foi desembarcar em um ponto onde ele havia achado uma casa de um idoso e ele passou a noite lá.

Quando acordou, no dia seguinte, ele viu aquele vulto de novo e ele foi acordar o idoso, quando viu, o idoso estava se enrolando no chão do seu quarto. Ele saiu correndo de lá achando que aquele idoso era quem estava o assombrando na rede dele.

O Homem da Árvore de Taperebá

(Recontado por Renan Carlos de Nazaré Silvestre)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, na Vila Santa Helena, no ano de 1974. Ela foi contada por Paula que presenciou a aparição.

Quando eu era mais jovem, eu morava com meu falecido marido, a gente não tinha as melhores condições, morávamos em um interior conhecido como Santa Helena. Na minha época, se chamava assim, nós morávamos em uma casa de palha.

Certa noite, por volta das 23h, pedi para Manoel apagar as lamparinas, logo em seguida, fomos dormir. Quando deu meia-noite, levei um espanto e acabei acordando, me levantei e fui beber água. Naquele tempo ainda não existia geladeira, era no pote de argila. Enquanto eu bebia água, comecei a ouvir barulhos perturbadores.

Era como se fosse alguém marchando com uma grande força. Com isso, fui acordar Manoel.

– O que aconteceu, Paula? – Disse o marido.

– Você está ouvindo esse barulho? – Indagou a mulher, com preocupação.

– Estou, vou ver o que pode ser. – Disse o marido.

Eles olharam pela brecha da palha, depararam-se com uma grande criatura, com o rosto decapitado, olhos negros e a boca torta. Ele jogava a pedra na árvore de taperebá. Ele ia e voltava, no total jogou 3 pedras.

A criatura saiu caminhando, até que desapareceu. Depois disso, eu não consegui dormi. Logo pela manhã, fui ver o lugar onde a criatura jogou as pedras, quando olhei, não havia nenhuma pedra.

Esse dia foi tão marcante que nunca saiu da nossa memória, até hoje olho para aquela árvore de taperebá com temor e calafrios, quando lembro do que vi.

A NOIVA
DO
CAMPO

A Noiva do Campo

(Recontado por Kaline Iasmin Canço Souza)

Esta história aconteceu na cidade de Maracanã, no Ano de 2020, na Vila São Cristóvão. Ela foi contada pelo Ramiro Pimentel.

Em uma certa vez, Seu Ramiro foi fazer uma visita na igreja, e atrás dela tinha um campo bem grande. O seu Ramiro foi ao banheiro que também era atrás da igreja, quando ele saiu, se deparou com uma noiva sentada no banco que tinha lá no campo. Quando olhou para ela, estava muito pálida, tinha um sorriso que dava muito medo, tinha os olhos amarelados, a boca estava cheia de sangue; ele ficou encarando-a, com muito medo.

Depois disso, voltou para sua casa ainda muito amedrontado, e foi em busca de uma lanterna para conseguir ver melhor, já que estava um pouco escuro. No entanto, quando voltou, ele não conseguiu mais ver aquela noiva. Voltou para sua casa.

– Meu Deus, será que é coisa da minha cabeça? – Pensou Ramiro, com ar de preocupação.

Não era coisa da cabeça dele. Ele tinha visto, sim, aquela noiva sentada, só que ela desapareceu do nada.

Quando amanheceu, ele contou que tinha visto aquela noiva atrás da igreja, no campo, para seus familiares, só que ninguém acreditou no que ele falou, apenas ficaram surpresos com isso.

Retomar a importância de contar histórias orais, de geração em geração, além de utilizar espaços públicos e a própria varanda da frente das casas, foi um dos objetivos deste empreendimento em sala de aula. Em tempos de cultura digital, de globalização/colonização travestida de modernidade, resgatar costumes e práticas de linguagens oralizantes é resistir a esse modelo alienante de sociedade, é reexistir a um movimento avassalador, que fragmenta sujeitos e aniquila processos cognitivos de pensamento crítico e reflexivo. Valorizar, portanto, antigas e novas formas de narrar e de produzir saberes tornou-se possibilidade e realidade importante para esses jovens estudantes.